



Jornal

# UNIVERSITÁRIO



N.º 9 e 10

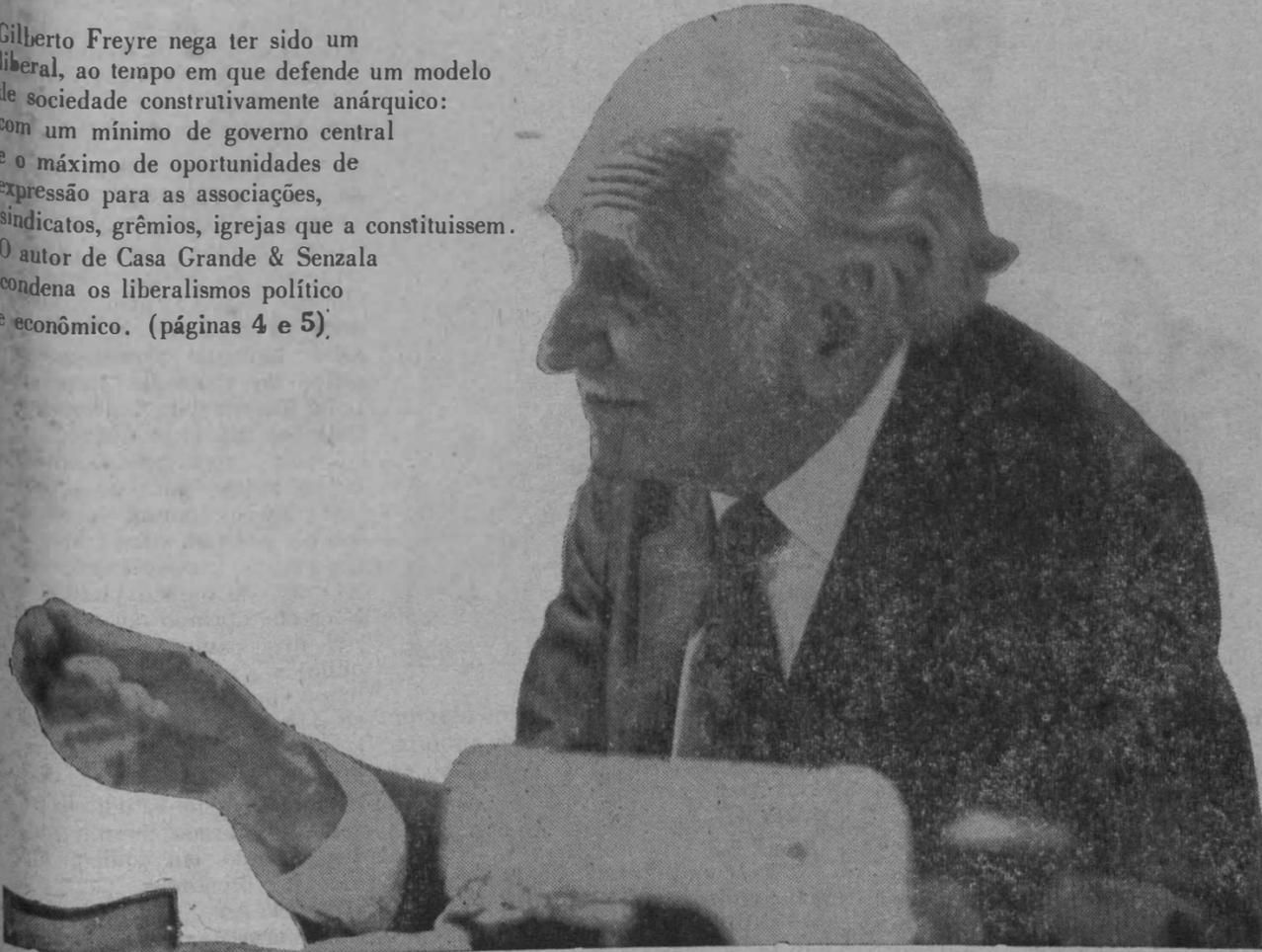
RECIFE — MAIO/JUNHO — 1977

ANO IX

## GILBERTO FREYRE

por um modelo social anárquico construtivamente

Gilberto Freyre nega ter sido um liberal, ao tempo em que defende um modelo de sociedade construtivamente anárquico: com um mínimo de governo central e o máximo de oportunidades de expressão para as associações, sindicatos, grêmios, igrejas que a constituíssem. O autor de Casa Grande & Senzala condena os liberalismos político e econômico. (páginas 4 e 5).



Teatro é forma de catequese

O teatrólogo pernambucano Milton Baccarelli, Professor do Centro de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, vê no teatro uma forma de catequese. Tese com a qual acaba de ganhar o Prêmio Nacional de Publicação. (Página 12)

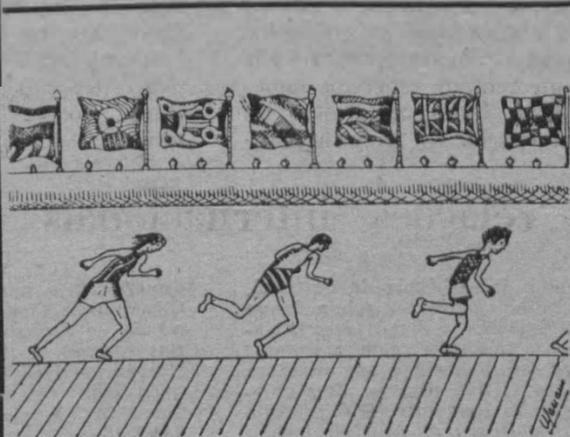


## Crime contra a Natureza

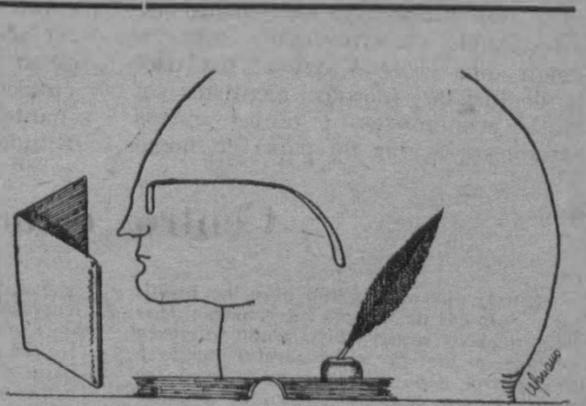
(Página 8)

## Professor quer ação prioritária para a habitação popular

Preço Cr\$ 2,00



Haverá disputa de pedestrianismo nas comemorações dos 150 anos da Faculdade de Direito, com a participação de corredores estrangeiros (Alemanha) e da CBD. Será uma atração para pernambucanos. Enquanto isso, as coisas andam cada vez mais pretas nos bastidores da Federação Pernambucana de Futebol: não tem jeito não, continua mesmo o festival de besteiras, agora com novos adeptos. (página de Esportes)



O Professor Nelson Saldanha afirma que da divisão lógico-formal do mundo não se retira uma compreensão para as formulações culturalistas. Ele aborda este e outros aspectos, em entrevista exclusiva ao JU, abrindo o Caderno Literário, que inclui nesta edição matérias de interesse artístico e literário, bem como um confronto da música popular brasileira com os grandes nomes da música européia.

(Página 8)

# Recife estuda relação internacional

# ENTIDADE RATIFICA VALOR DOS NORDESTINOS

afirma o Professor Sílvio Loretto, o seu coordenador



— O Centro de Estudos Internacionais, recém-fundado, com sede na Faculdade de Direito do Recife, é mais uma afirmação da capacidade de trabalho e esforço responsável dos estudiosos do Nordeste — declarou o Professor Sílvio Loretto, coordenador da nova entidade, ao informar sobre os passos iniciais do programa a ser desenvolvido.

Explicou que o Centro assumiu a responsabilidade de coordenar atividades e congregar, tantos quantos se disponham ao estudo de problemas internacionais, ou com eles relacionados, e de modo particular, dos temas e aspectos que mais diretamente interessam ao Brasil.

## ESPECIAL ATENÇÃO

O Professor Sílvio Loretto salienta, ainda, que "o Brasil, guerdado por suas próprias potencialidades, ao nível de potência, em decorrência de seu acelerado desenvolvimento, e com um progressivo incremento de intercâmbio internacional, está a exigir uma especial atenção por parte de juristas, filósofos, cientistas sociais, economistas, e tantos outros estudiosos, acerca do papel do nosso

País no concerto das nações, bem como das características do relacionamento por ele mantido com os demais povos".

Com tais metas — justifica — o Centro de Estudos Internacionais está elaborando programa de trabalho objetivo, ciente de suas possibilidades, não abandonando, contudo, seu anseio por realizações de grande porte. Suas atividades obedecerão cronograma em organização, constante de: pesquisa acerca de temas e problemas internacionais de maior interesse para o Brasil; divulgação dos resultados desses estudos, em órgão próprio; cursos, conferências, simpósios, etc.

## FICHÁRIO

O Centro patrocinará a organização de um fichário completo, de fontes formais e materiais de Direito Internacional; para tanto, manterá intercâmbio com entidades nacionais e internacionais. Procurará estabelecer acordos e convênios, ou qualquer outro programa em cooperação com entidades que tenham objetivos semelhantes. Nesta linha, o Centro de Estudos Internacionais já vem man-

tendo contatos e arregimentando forças, inclusive no âmbito da própria Universidade Federal de Pernambuco.

## DIREÇÃO

Na condição de sociedade civil sem fins lucrativos, o Centro de Estudos Internacionais conta com a seguinte diretoria: Professores Sílvio Loretto — presidente; Paulo Miranda — vice-presidente; Margarida Oliveira — 1.º secretário; Aurélio Boavizagem — 2.º secretário; Augusto César Santos de Oliveira — 1.º tesoureiro; José Luiz Marques Delgado — 2.º tesoureiro.

Conselho está assim composto: Antonio Carlos Falhães Moreira Reis; Armando Souto Maior; Gilvando Vasconcelos Coelho; Josildo F. Bezerra; José Ajuricaba da Costa e Silva; Lourival Vilanova; José de Moura Rocha; Mário Pessoa; Mário Marcelo de Almeida; Marcos Vinícios Vileça; Nelson Saldanha; Gabriel Lucena; Francisco de Assis Rosa e Silva; Luiz Pinto Ferreira; Potiguar Matos; Paulo Frederico do Rego Maciel; Paulo Ribeiro Vasconcelos; Ricardo Costa Pinto; Rodolfo Araújo; Sílvio Maranhão.

## Centro estuda relações internacionais

Estudar problemas sob aspectos jurídicos e políticos da relação internacional, nas suas nuances atuais, bem como oferecer colaboração efetiva ao Itamaraty, quanto à formação de especialistas nessa área, são os principais objetivos do Centro de Estudos Internacionais que acaba de ser criado na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco.

Por ocasião da instalação oficial da subunidade do Centro, no auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, o Reitor Paulo Maciel foi distinguido com a Medalha do Instituto Latino-Americano de Cultura, entregue pessoalmente pelo Embaixador da República Dominicana, diplomata José Angel Savillon. Ressaltou os objetivos do Centro de Estudos Internacionais, principalmente agora quando o problema concernente aos Direitos Humanos vem sendo amplamente discutido na maioria dos países.

## COLABORAÇÃO

Explicou o Professor Paulo Maciel, que a subunidade do Centro de Estudos Inter-

nacionais tem a incumbência de desenvolver estudos latino-americanos sob a forma de Curso de Extensão, e depois de especialização, visando à formação de assessores para esse tipo de atividade, o que resultará em colaboração efetiva para os altos objetivos atribuídos ao Itamaraty. O Curso está nucleado no Mestrado de História, sob a responsabilidade de Professores de História, Sociologia e Economia.

No seu pronunciamento, naquela oportunidade, o Reitor Paulo Maciel, além das alusões referidas, sustentou três pontos básicos que caracterizam os objetivos do Centro de Estudos Internacionais: 1 — a necessidade de vencer preconceitos, para uma maior identificação, sobretudo com a Argentina, lembrando que o Mercado Comum Europeu (MCE) só foi possível com a identificação franco-alemã; 2 — a realização de um trabalho cultural e diplomático, evitando que forças políticas externas tentem lançar contra o Brasil a idéia da ressurreição da nova Granada, isto é, uma recomposição do antigo Vice-Reinado Espanhol, reunindo Venezuela, Colômbia e

Equador; 3 — incentivar os contatos com a Comunidade Centro-Americana a partir do estudo do problema do mercado de matérias primas, bastando lembrar o Acordo Internacional de Acúcar com a crise agravada pela extensão da cota estatutária americana e o resíduo do problema do café.

## LIVROS

Solicitou o Reitor que cada Embaixada Latino-Americana envie pelo menos uma dúzia de livros fundamentais sobre seus respectivos países, e se comprometessem e designar um sócio cultural ou outra personalidade de destaque, para realizar, no mínimo, uma conferência anual no Centro de Estudos Internacionais da Universidade Federal de Pernambuco.

Atendendo à solicitação do alto dirigente da UFPE, as Embaixadas do São Domingos e da Costa Rica já confirmaram participação no programa do Centro de Estudos Internacionais — inclusive a Reitoria já recebeu cópia do currículo de relações internacionais da Universidade Nacional de Brasília, graças à gentileza do Professor Carlos Cardia.

## Bettòlo vê ação internacional do I. de Antibióticos

— O Instituto de Antibióticos da UFPE é hoje uma instituição internacional brilhante e de vanguarda — disse o Professor italiano Marini-Bettòlo ao receber, no dia 27 de abril, o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco.

A afirmação do professor foi feita após relembrar a sua chegada ao Recife em 1960 "com o objetivo de conhecer os estudos desta Universidade e, ao mesmo tempo, falar de nossas pesquisas de então".

**INTERCÂMBIO** — Durante o seu pronunciamento, Marini-Bettòlo lembrou a importância do intercâmbio entre a UFPE, sobretudo do Instituto de Antibióticos, com o Centro di Studi della Chimica dei Recettori e delle Molecole biologicamente attive do Consiglio Nazionale Delle Ricerche, da Universidade Cattolica del Sacro Cuore.

"Os resultados obtidos nesses quinze anos de intenso trabalho em comum — adiantou — serviram para trazer ao homem o conhecimento dos segredos de muitas plantas do Nordeste, abrindo novos e interessantes campos de pesquisa química e clínica, que auguramos possam desenvolver-se sempre mais no futuro, mas constituiram também um modelo de pesquisa internacional entre grupos de estudiosos voltados para uma mesma meta, trabalhando em equipe, apesar de separados por uma distância de quase dez mil quilômetros, numa pesquisa desinteressada e sobretudo dirigida para a conquista de novos conhecimentos, isto é, novos bens não para indivíduos particulares mas para toda a Humanidade".

## SAUDAÇÃO

Em seu pronunciamento de saudação, o Professor Décio de Andrade Lima revelou que em "suas atividades de pesquisa, Marini-Bettòlo desenvolveu novos métodos de síntese orgânicas propondo novas reações, dedicando-se, com afinco, a pesquisas sobre novas substâncias, utilizando e apresentando modernos métodos de isolamento e elucidação da estrutura das mesmas".

"A sua produção científica — disse Andrade Lima — se reflete na publicação de mais de 300 trabalhos, orientados, em sua grande maioria, para estudo químico dos fenômenos biológicos e o estudo biológico de novas substâncias químicas que o levaram também à síntese de novas substâncias farmacologicamente ativas e ao isolamento de compostos naturais dotados de propriedades biológicas".

O professor Marini-Bettòlo ostenta os títulos de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Chile, Universidade de Nancy (França), Universidade de Turim (Itália) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele iniciou sua carreira aos 22 anos de idade, como assistente de Química Geral e Inorgânica na Universidade de Roma. É autor de mais de 300 trabalhos científicos, com repercussão mundial.



# Gilberto Freyre

## defende modelo de sociedade anárquico



O escritor Gilberto Freyre, em entrevista ao JORNAL UNIVERSITÁRIO, disse não se lembrar ter sido, em tempo algum, um liberal, afirmando peremptoriamente: "Creio que os liberalismos, tanto o econômico como o político, não correspondem às circunstâncias atuais nem das sociedades desenvolvidas nem das em desenvolvimento. A sociedade do meu ideal seria a de um tipo construtivamente anárquico: com um mínimo de governo central e o máximo de oportunidades de expressão para as associações, sindicatos, grêmios, igrejas que a constituíssem".

1 — JU — Como foi o início de tudo que o Sr. é hoje e até que ponto influenciou a orientação familiar na sua vida de escritor?

1. O "início de tudo" deve estar em influências vindas de origens remotas, quer genéticas, quer sócio-culturais. Das menos remotas, destaque-se a "orientação familiar" a que a pergunta alude. Creio que tanto pai como mãe, como irmãos, como avó — Mãe e Avó chamadas Francisca — influenciaram na formação, em mim, do que vim a ser como pessoa e como escritor. Minha linguagem literária, por exemplo, reflete, por um lado, a influência de uma mãe intuitiva, poética, muito oral e, por vezes, folclórica na sua expressão (à qual não faltavam toques franceses de quem estudara com freiras européias) e, por outro lado, a influência de um pai, além de lógico, racional, latinista, cultor da língua portuguesa, dono de boa biblioteca herdada de seu pai e meu avô — história, literatura, ciência, filosofia — ele próprio mestre, e mestre severo, de latim, dos filhos.

2 — JU — O Sr. mantém, ainda hoje as conclusões sobre a Sociedade Brasileira expostas no seu clássico livro *Casa Grande & Senzala*?

2. Mantenho. E alegra-me vir constatando que cada nova edição em língua estrangeira de *Casa Grande & Senzala* vem provocando comentários, surpresas, reações como se fosse um livro que o autor brasileiro acabasse de escrever. O que parece indicar ter sido um livro de não poucas antecipações. Note-se que ao aparecer recentemente, em Paris, a 9.ª edição francesa de *Casa Grande & Senzala*, intitulada *Maitres et Esclaves*, o semanário *Magasin Littéraire* destacou que esse livro brasileiro se antecipara, há quarenta anos, em dar importância, sob critério cientificamente social, ao fator sexual, ou ao sexo, na formação de uma sociedade e de uma cultura. Enquanto em Londres, também ao surgir recentemente edição britânica dos três livros *Casa Grande*, *Sobrados* e *Ordem e Progresso*, para serem adquiridos como obra em conjunto, como vêm sendo, críticos ingleses como Morley e Silbert salientaram o pioneirismo do autor brasileiro dessas obras em escrever, há 40 anos,

sobre matéria histórico-social ou antropológico-social, sob critério ousadamente interdisciplinar, só agora em voga. Consideravam triunfo para a cultura brasileira isso, de ter se antecipado sobre europeus e norte-americanos, em assunto de tamanha importância. Esse triunfo brasileiro já fora, aliás, consagrado pelo Comitê do Prêmio Aspen, presidido por Lord Franks, da Universidade de Oxford, ao conceder o Nobel dos Estados Unidos a autor brasileiro, ao mesmo tempo por sua "ciência", sua "expressão criativamente literária" e sua "filosofia".

O livro *Casa Grande & Senzala*, ao aparecer, recebeu a censura de críticos ilustres, inclusive de João Ribeiro e Ribeiro Couto, de não concluir. O autor, então jovem, não se julgava apto a conclusões. Naquele livro iniciado, quase não conclui: sugere quase sempre. Talvez sugira conclusões. Mas sem ênfase. Sem tom sentencioso. Deixando, como autor, as conclusões para o seu futuro como escritor que, da pesquisa científica e da intuição artística ou literária, passasse a desenvolver uma filosofia própria.

Essa filosofia, eu, como escritor, viria a desenvolver em trabalhos posteriores. E, com essa filosofia, conclusões.

3 — JU — O Sr. ainda assinaria *Sobrados e Mocambos*?

3. Acaba de aparecer, lançada pela José Olympio Editora, nova edição — a 5.ª — de *Sobrados e Mocambos*. Sim: não o rejeito nem o repudio nem julguei necessário atualizá-lo ou alterá-lo para essa nova edição. Outro livro, esse, que o seu autor considera antecipado.

4 — JU — O Sr. diz que a Sociedade Brasileira é mestiça, mas Ariano Suassuna, numa tese recente, afirma que é negra. Quem está com a razão?

4. Estou tomando conhecimento, somente agora, da teoria de Ariano, um mestre que admiro e estimo, de que "o Brasil é negro e não mestiço". Como o macaco da televisão eu só queria entender. Não entendo. Porque negro o Brasil e não mestiço? Repito que não entendo. A não ser que se compreenda por negro, no Brasil, o que se compreende

nos Estados Unidos: todo aquele que tenha um pingão de sangue negro. O contrário do que sucede entre nós: "quem escapa de negro, branco é" diz-se folcloricamente no Brasil. O que corresponde ao elástico conceito brasileiro de morenidade que creio ter sido o primeiro a identificar sociologicamente. Conceito segundo o qual tanto é moreno o branco brunete como o próprio negro preto. Tanto Pelé como Sônia Braga. Tanto Raimundo Souza Dantas como Paulo Gracindo. Tanto Aracy de Almeida como Marília Pera. Ou mesmo a brasileira de origem alemã que, sem querer parecer barata descascada, se deixe requeimar pelo sol morenizante, tropicalizante, nacionalizante, da praia de Copacabana: esse bom sol de praia que vem competindo com a miscigenação na produção de morenos claros, ufanos de sua morenidade ecológica como outros já se ufamam da biológica. O grande Carlos Lacerda, entre esses outros. E também o Governador Moura Cavalcanti.

5 — JU — Acha que a *Casa Grande* já foi superada pela *Senzala*?

5. A pergunta me parece um tanto despropositada. O título que dei ao meu livro é, dentro das minhas tendências, simbólico. Corresponde a um complexo que se opõe ao mito de ter sido o sistema escravocrático no Brasil apenas de dominação absoluta de senhores de casas-grandes sobre escravos de senzalas. O complexo subtendente ter havido, ao lado dessa dominação de escravos por senhores, uma interpenetração: *Casa Grande & Senzala*. Interpenetração através da miscigenação ou mistura de sangue e interpenetração cultural, com a cultura da *Casa Grande* projetando-se sobre a da *Senzala* mas também recebendo influências — e grandes — da dos escravos.

6 — JU — Quer a sua opinião sobre o casamento entre brancos e negros, e quais as consequências dessa união para a caracterização da Sociedade Brasileira?

6. Em conferência proferida em inglês, há algum tempo, na Universidade de Sussex, na Inglaterra, expus minha idéia de não ser o Brasil de hoje, etnicamente, nem isto nem aquilo, mas uma

além-raça ou uma metarraça, com o brasileiro típico alheio às suas origens étnicas e identificando-se sócio-culturalmente e sócio-psicologicamente tão somente como brasileiro. É uma decorrência das muitas uniões, entre nós, desde o século XVI, de brancos com negros e com ameríndios. Caracteriza o desenvolvimento do Brasil, mais do que qualquer outra nação, das grandes, como uma democracia racial, tal a facilidade que tem havido entre nós para essas uniões interraciais, ultimamente acrescidas com a presença japonesa em nosso País. Democracia racial ainda imperfeita porém já expressiva e sociologicamente válida.

7 — JU — Qual, a seu ver, as contribuições fundamentais para o pensamento brasileiro? Poderia citar alguns autores mais importantes, que poderiam representar nosso pensamento no Exterior? Nesse aspecto, qual o papel da nossa Universidade?

7. Das contribuições fundamentais para um pensamento brasileiro destacarei a de José Bonifácio de Andrada. Foi com um sentido filosófico social representativamente brasileiro que ele organizou o Brasil em Estado-Nação, já tomando em consideração a presença, entre nós, das chamadas três raças. Outro pensador caracteristicamente brasileiro foi, como jurista com alguma coisa de sociólogo, Teixeira de Freitas. Ainda outro, Joaquim Nabuco com um pensamento político lucidamente monárquico-federalista que teria representado, não fosse a proclamação da República em 89, o desenvolvimento de um modelo político brasileiro baseado no que vinha sendo uma experiência política especificamente brasileira. Acrescente-se que o livro de Nabuco *O Abolicionismo* é também obra de pensador social, atento ao problema de organização do trabalho no Brasil e à situação do ex-escravo, após a Abolição. São três pensadores brasileiros verdadeiramente significativos. Outros de importância menor mas também significativos: Sylvio Romero, Tobias, Clovis Bevilacqua, Martins Júnior, Gilberto Amado, Pontes de Miranda, Miguel Reale.

José Bonifácio foi homem de formação universitária européia, tanto científica como humanística. Mas soube ver o

Uma das figuras mais polêmicas da intelectualidade nacional, Gilberto Freyre é, dentre os pensadores da sociedade brasileira, um dos raros a terem suas obras traduzidas em diversos idiomas. Não somente traduzidas como também encaradas como ponto de referência indispensável à compreensão dessa sociedade. Seu clássico Casa Grande & Senzala, por exemplo, acaba de sair em sua 9.<sup>a</sup> edição francesa. Falar do seu currículo é desnecessário. O mundo todo conhece Gilberto Freyre.



Trata-se, segundo uma boa parte dos especialistas na matéria, de uma obra que revela admirável conhecimento da formação sócio-cultural do Brasil. E o Mestre de Apipucos não está de forma alguma preocupado com as opiniões em contrário. É, pelo menos, o que revela nesta entrevista, onde, entre outras coisas, afirma que, geralmente, aqueles que acusam certos cientistas de serem mais literários do que científicos, são, quase sempre, "incapazes de se exprimirem literariamente pelo simples fato de terem de esconder as deficiências do seu saber ou do seu talento por trás de jargões científicoídes ou filosofóides".

Brasil com uma visão sob alguns aspectos extra-acadêmicos. A visão de problemas brasileiros é o que precisa ser: ecologicamente brasileira. Também tanto humanística como científica. As universidades brasileiras bem poderiam ter cursos em que fosse estudado o pensamento brasileiro desenvolvido por pensadores brasileiros dentre os mais significativos.

8 — JU — Politicamente o Sr. já agiu de maneira bastante liberal. Mas, há pouco tempo, o Sr. afirmou que, apesar de não ser um liberal, respeita os liberais. Por que mudou?

8. Não me lembro de ter sido em tempo algum um liberal. Um libertário, sim. Um liberal não. Estarei desmemoriado? Lembro que, mal saído da Universidade de Colúmbia, já na Europa, escrevi num jornal de Lisboa um artigo nitidamente crítico da democracia liberal. Meus artigos de adolescência e primeira juventude serão breve publicados por iniciativa dos Professores Nilo Pereira e Gonsalves de Mello: dois mestres.

Creio que os liberais, tanto o econômico como o político, não correspondem às circunstâncias atuais nem das sociedades desenvolvidas nem das em desenvolvimento. A sociedade do meu ideal seria a de um tipo construtivamente anárquico: com um mínimo de governo central e o máximo de oportunidades de expressão para as associações, sindicatos, grêmios, igrejas que a constituíssem. Mas não a desejaria para o Brasil de agora, que precisa de defender-se através de executivos aptos, de ameaças de totalitarismos em expansão imperial.

8 — JU — Qual seria a posição ideal do Brasil com relação ao discutível problema dos Direitos Humanos?

9. O Brasil pode considerar-se, sob alguns aspectos, um campeão de direitos

humanos. Basta que se lembre que a pessoa vem existindo, para não poucos brasileiros, independente de raça, classe, cor, sexo, credo religioso: tão somente como pessoa. Capaz de passar, com relativa facilidade, de uma classe a outra, de uma raça a outra, de uma profissão a outra. O que não significa que a defesa da pessoa humana seja, no Brasil, perfeita.

10 — JU — Qual o modelo político ideal para a Sociedade Brasileira?

10. Já sugeri o meu ideal, a respeito de sociedades humanas, inclusive da brasileira. Mas sem perder de vista as circunstâncias atuais desfavoráveis, em países como o Brasil, ao pleno desenvolvimento de sociedades ideais.

11 — JU — Seus críticos dizem que a sua Sociologia é mais literária e menos científica. Como vê tais opiniões?

11. Isso de se acusar cientista ou filósofo de ser indevidamente literário tem se verificado várias vezes. Verificou-se contra Claude Bernard, contra o filósofo William James, contra o também filósofo Bergson, contra o antropólogo social Frazer, contra o economista Keynes: todos escritores literários. Por que? Porque escreviam ou em francês literário ou em inglês ou em alemão também literário, e não em filósofos ou em antropólogos ou em sociólogos ou em economês. A acusação procede, quase sempre, de especialistas incapazes de se exprimirem literariamente pelo simples fato de terem de esconder as deficiências do seu saber ou do seu talento por trás de jargões científicoídes ou filosofóides. Para se escrever literariamente sobre qualquer desses assuntos mais densos ou mais complexos é preciso que o autor tenha inteiro domínio sobre eles e seja capaz de criar e não apenas de compilar ou mesmo de somente expor o já conhecido ou já estabelecido. Daí a grande atualidade de um sociólogo como o alemão Simmel,

acusado, nos seus dias, de "literário" e cuja importância é destacada em livro agora publicado em inglês e alemão pelo notável sociólogo Hermann Shasser, do Instituto de Estudos Avançados de Viena, sobre perspectivas sociológicas: livro para cuja próxima edição em língua portuguesa o autor acaba de solicitar-me uma introdução ou prefácio.

12 — JU — A essa altura, como é que o Sr. se sente diante da própria obra? Está satisfeito com ela? Estaria a sua obra encerrada com o livro Além do apenas Moderno?

12. Creio vir realizando alguma coisa, quer como cientista social, quer como possível pensador e, principalmente, como escritor de expressão literária e, talvez renovador da língua literária do Brasil. Não me estou inclinando a parar nem de pensar, nem de escrever nem de pintar. Nem de viajar atendendo a convites universitários como agora mesmo os que me vêm da Europa, onde, o ano passado, tive contactos, para mim sempre estimulantes, com intelectuais ingleses (entre outros, meu amigo Lord Asa Briggs, de Oxford e o Professor Gelmer, de Londres), em banquete que a Magdalena e a mim, ofereceram, na Embaixada do Brasil no Reino Unido, o Embaixador e a Sra. Roberto Campos, convidando vários dos nossos amigos britânicos; com franceses, no também inesquecível jantar que nos ofereceu em Paris, meu amigo Jean d'Ormeson, diretor de Le Figaro, presentes intelectuais franceses dentre os mais ilustres; em Madrid, onde também nos homenageou o Embaixador Frazão, em banquete com a presença de intelectuais espanhóis igualmente dentre os mais atuais e onde proferi conferência no Instituto de Cultura Hispânica, presidido pelo Duque de Cadiz; em Portugal onde fui também recebido por intelectuais amigos reunidos pelo Ministro da Cultura; na Austria, em cuja magnífica Biblioteca pude identifi-

car mapas holandeses inéditos sobre o Brasil do século XVII.

Não se esqueça de que considero também parte da minha ação intelectual a que me liga ao Conselho Federal de Cultura, onde vou todos os meses, e à Universidade Federal de Pernambuco, onde continuo a coordenar, por incumbência do Magnífico Reitor Paulo Maciel, o seu Seminário de Tropicologia.

O trabalho que há sete anos vem sendo realizado, na Universidade Federal de Pernambuco, pelo seu Seminário de Tropicologia, fundado quando Reitor o Professor Murilo Guimarães, que muito o prestigiou — prestígio que lhe dariam seus sucessores e que lhe está dando de modo especialíssimo o Reitor Paulo Maciel empenhado na necessária atualização da publicação dos seus Anais e sempre participante de suas reuniões — é trabalho honroso para a cultura brasileira. Trabalho criador. Pois está concorrendo, como nenhum outro órgão, em qualquer parte do mundo, para a sistematização numa possível e necessária ciência nova, de abordagens e de estudos até há pouco de todo dispersos, sobre assuntos tropicais. Coordenação sob critério amplo: ecológico, em vários aspectos, e antropólogo-cultural, também de modo vário e abrangente. Acresce que reunindo saberes diversos, dentre os universitários, e por vezes juntando a esses saberes, os extra-universitários, de "experiência feita", o Seminário de Tropicologia situa a Universidade Federal de Pernambuco na vanguarda das universidades brasileiras pelo que representa de nova concepção do papel da organização universidade em relação com outras expressões de sentir e de pensar de uma comunidade. Seus anais têm hoje repercussão internacional. O Seminário vem concorrendo para dar às várias unidades científicas e humanísticas que compõem a Universidade uma nítida consciência de sua solidariedade através da constância de suas interações.

## Professor Telmo: habitação exige prioridade dentro dos planejamentos urbanísticos

"Não se pode estabelecer qualquer tipo de Planejamento Urbano, principalmente numa cidade como o Recife, sem se considerar o problema da habitação popular" — afirmou o Professor Telmo Frederico do Rego Maciel, em trabalho que serviu de comentário à conferência do Professor Antonio da Rocha Penteado, sobre o tema "A Ecologia Atlântico-Tropical do Recife, Projetada nos seus Característicos e Projetável nos seus Planejamentos Urbanos", durante a primeira reunião ordinária, de 1977, do Seminário de Tropicologia da UFPE.

O Prof. Telmo, fez inicialmente, um retrospecto da formação do Recife, até à sua condição de Capital. Destacou que, sob o ponto de vista de solos, nossa "formação" (a do Recife) é o "aterro", e estamos em grande parte sobre "mangues". Razão por que, é da maior importância que os nossos Urbanistas estejam conscientes da necessidade de cuidados especiais no sentido de defendê-la (a cidade) das investidas do rio Capibaribe, "que ainda não se cansou de alertá-los, com veemência, quanto a descuidos, a propósito de assoreamento, de largura de suas pontes, de retificação das calhas dos seus braços de rios, clamando por um sistema de barragens que, injustificadamente, se providencia, de uma a uma, ao compasso de ocorrências calamitosas".

### HABITAÇÃO

Tais problemas, no entender do Professor Telmo Maciel, têm repercussão direta no aspecto da habitação popular, cuja solução não pode ser encontrada sem se levar em conta o equacionamento dos citados problemas. "A precariedade e a escassez da habitação popular — sublinhou — está aí visível entre nós, mesmo depois que se implantou o BNH (apoiado no FGTS) com seu respeitabilíssimo programa habitacional, com extraordinária função de reativador da economia nacional, através do setor da construção civil". Apesar disso, desse notável desempenho, o Prof. Telmo lamentou não ter, ainda, o BNH atingido a classe dos mais humildes.

Em seguida afirmou que, a casa de "Mutirão" (de dois ou três aposentos e uma fossa séptica) é coisa de que parece só nos lembramos — e para logo depois esquecermos — quando pensamos em alojar a chamada população "marginal" da beira rio após as enchentes.

Lembrou a passagem pelo Recife do padre Lebrét, há 20 anos atrás, pelo fato de ter o estudioso francês insistido na idéia de execução de uma "Cidade Popular Modelo", como alternativa para o angustiante problema habitacional do Recife. Defendeu a mesma idéia do Pe. Lebrét, que citara inclusive Gilberto Freyre, quanto ao aproveitamento dos valores naturais para a construção de residências populares, sem pensar em transformar os balços populares espontâneos em "habitat" do tipo europeu, e sim no melhoramento do "habitat" nativo. Revelou que na Universidade Federal de Pernambuco, o Prof. Armando Holanda vem desenvolvendo importante trabalho sobre utilização de materiais locais para habitação popular, o qual se supõe, pode ser inquirido quanto a possíveis contribuições para a política habitacional na Região.

No seu longo comentário — tem 24 laudas —, o Prof. Telmo procurou transmitir um amplo apoio conceitual em torno do que se entende por Tropicalidade, apoiando-se em conferência proferida pelo Prof. Gilberto Osório, sobre o conceito Ecológico-Geográfico de Tropicalidade. "Ouem quer que adjetivo de Tropical alguma coisa relacionada com a presença e o destino do homem neste mundo, estará se reportando, necessariamente, a dimensões de um espaço material concreto".

### ATLÂNTICO

Considerando, ainda, o tema da conferência, que enfatiza os três elementos — Ecologia, Tropicalidade e Atlântico —, o Professor Telmo Maciel chamou a atenção quanto à importância de meditar um pouco quanto ao sentido sob o qual o termo Atlântico está aí inserido. Na sua opinião, há grande complexidade no tema, podendo envolver até aspectos de natureza político-estratégicos. "Em termos de guerra — afirmou — Recife já mostrou sua condição privilegiada (e até cobçada) como sentinela do Atlântico, do País e do Continente. Para ir mais adiante poder-se-ia estar pensando numa organização do Atlântico Sul tal como a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte)".

Encerrando o seu trabalho, salienta o Professor Telmo Maciel: "Confesso haver pensado que talvez a menção de Atlântico estivesse no contexto do tema com intenções mais simples, como por exemplo, a simples brisa marinha, com que sempre contamos, aliás, bem como poderia ser uma provocação a uma abordagem acerca o "plateau" continental utilizável para a pesca (o nosso mar dos sargaços). Finalmente poderia ser uma alusão às agressões do Atlântico ao nosso litoral; e, nesse caso, não mais propriamente ao Recife, mas à nossa querida Olinda, uma de nossas cidades consideradas "um primor de paisagística ao lado de Igarauçu, Tracunhaem, Sirlinham", segundo palavras do nosso saudoso Abelardo Rodrigues, quando teve oportunidade de participar deste Seminário de Tropicologia".



O Reitor Paulo Maciel assina o convênio, tendo à sua direita o presidente do INAN, Prof. Bertoldo Krause. Presentes ao ato os Professores Nelson Chaves e Ruy João Marques, juntamente com outros estudiosos ligados ao campo da Nutrição.

## Nutrição conta com mais recursos para a pesquisa

Problemas de saúde e de sub-nutrição têm merecido atenção especial de governos e instituições que militam nessa área, nos últimos anos. Ressalte-se a atuação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), no sentido de amainar tais deficiências, como se sabe, de repercussão direta no nível social das comunidades. Dentro dessa visão o INAN firmou mais um convênio, este mês, destinando Cr\$ 3,8 milhões à Universidade Federal de Pernambuco, para ampliação e fortalecimento das ações do Departamento de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde.

O convênio foi assinado pelo presidente do INAN, Professor Bertoldo Krause Grande de Arruda, e pelo Reitor Paulo Maciel, no gabinete deste. Os recursos a serem aplicados no período de 1977/78 são financiados pela FINEP e oriundos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — FNDCT. Objetivam proporcionar bases para o apoio a estudos, projetos e progra-

mas de desenvolvimento econômico e social, científico e tecnológico de acordo com o PRONAN.

### SUPERVISÃO

Fazia-se acompanhar o presidente do INAN de uma missão de técnicos do Banco Mundial, que veio supervisionar o andamento do Projeto de Nutrição Brasil/BIRD — PNBB, orçado em 60 milhões de dólares, sendo 19 milhões financiados pelo Banco Mundial, no prazo de quatro anos.

O Projeto de Nutrição Brasil/BIRD compreende oito programas, que vêm sendo executados com a participação de várias entidades, sob a coordenação e supervisão do INAN. Objetivam melhorar as informações básicas disponíveis, a capacidade institucional e técnica e a produção de alimentos prioritários, de baixo custo, como suporte ao planejamento e execução do Programa Nacional de Alimentação e Nutrição — PRONAN.

## GEÓGRAFO EXPÕE SUA ÓTICA DOS PROBLEMAS DO RECIFE

Para surpresa de integrantes do Seminário de Tropicologia, e principalmente dos debatedores oficiais da conferência, o geógrafo Antonio da Rocha Penteado chegou poucas horas antes da sessão, ao Recife, e não trouxe redigida a sua conferência: "A ecologia atlântico-tropical do Recife projetada nos seus característicos e projetável nos seus planejamentos urbanos". Falou de improviso, tendo discorrido sobre a alteração da paisagem do Recife e seus problemas de habitação, saneamento, poluição, entre outros.

O Professor Antonio da Rocha Penteado é diretor do Museu Ipiranga, de São Paulo. Ele advoga a tese de que os problemas de infra-estrutura de uma metrópole como o Recife devem merecer atenção especial dos governos. Destacou aspectos de escoamento das águas (um dos graves problemas do Recife), das marés e das inundações (por coincidência, houve a tremenda cheia do Rio Capibaribe, uma semana

depois da conferência) das ruas do Recife, além dos problemas de tráfego: "Agora — preconizou o conferencista —, ou se chega ao céu ou ao controle. São Paulo já chegou ao céu. Aqui, ainda há possibilidade de controlar as enchentes, a poluição, a explosão demográfica" — admitiu.

A sessão do Seminário de Tropicologia — a primeira ordinária deste ano, já que a de abertura, em que houve a conferência proferida pelo fundador e diretor do próprio Seminário, escritor Gilberto Freyre, é considerada extraordinária — contou com a participação de todos os seus membros, inclusive os recém-empossados.

Os debatedores oficiais foram os Professores Mário Lacerda de Melo (geógrafo) e Telmo Frederico do Rego Maciel (engenheiro). Os trabalhos foram coordenados pelo escritor Gilberto Freyre e presididos pelo Reitor Paulo Maciel, da UFPE.

## Anais de 1970, uma surpresa em abril de 77

Para o jurista Afonso Arinos de Melo Franco, "o significado do termo **Ciência Política** costuma variar bastante, ainda mesmo quanto ao conteúdo da expressão e, em consequência, quanto aos métodos empregados na exposição e na pesquisa da matéria".

Esta observação está contida na conferência que proferiu na abertura dos trabalhos do Seminário de Tropicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, em 1970 e cujos anais somente estão sendo divulgados agora, com sete anos de atraso. Foram lançados na reunião de abril deste ano, para surpresa de muitos.

Ainda na sua conferência, Afonso Arinos disse que "um encontro sob os auspícios da Unesco, de um grupo de trabalho composto de especialistas recrutados em certos países selecionados das áreas tropicais, poderia ser um ponto de partida objetivo, para a fixação de certos princípios de Ciência Política, cuja aplicação no direito interno fosse possível".

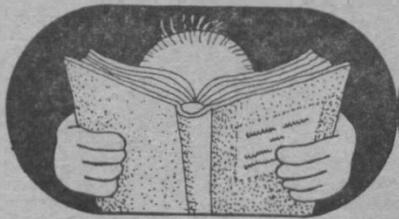
Esta conferência teve como comentadores o coronel Clóvis Wanderley e o geógrafo Gilberto Osório de Andrade.

**LIVRO ESCOLAR** — O programa de conferências teve prosseguimento com uma palestra do sociólogo Roberto Mota, tendo como comentadores o educador Potyguar Mattos e a educadora Maria Graziela Pergrino.

Mota analisou o problema, ressaltando sempre, e de forma incisiva, que estava apresentando temas para debates. Resaltando, ainda, que "espero não dar a impressão de que o livro didático deve ser puramente informativo e técnico. Na verdade, creio que não deve. A neutralidade parece impossível. De fato, o livro deve ser transmissor de valores. Só que não é fácil, outra vez, apresentar soluções".

**OUTRAS CONFERÊNCIAS** — Durante o ano de 1970 foram proferidas oito conferências, subordinadas aos seguintes temas: **Educação Média e Trópico**, pela educadora Maria Antônia Mac Dowell; **Olhos e Trópico**, pelo oftalmologista Sylvio Paes Barreto; **Cidade e Trópico**, pelo sociólogo Manuel Diégues Júnior; **Fruticultura e Trópico**, pelo industrial Miguel Vita; **Comunicação e Trópico**, pelo engenheiro Manoel Caetano de Andrade; **Marinha e Trópico**, pelo historiador Jordão Emerenciano; além das conferências do jurista Afonso Arinos de Melo Franco e do sociólogo Roberto Mota.





## Nelson Saldanha

# A poesia e a circunstância



Professor de História do Pensamento Social e Político na UFPE, e professor de História do Direito na mesma Universidade, Nelson Saldanha é um dos espíritos mais inquietos do Recife. Cultivando por igual o Direito, a Sociologia e a Poesia, é dono de uma formidável cabeça filosófica, geralmente posta por ele em bom estilo; pois Nelson Saldanha é um dos poucos no Estado que sabe associar pensamento e fantasia em competente linguagem.

Membro do Instituto Brasileiro de Filosofia, da Academia Pernambucana de Letras e do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco, Nelson Saldanha tem se revelado um dos nossos melhores ensaístas, em obras como: "História das Ideias Políticas no Brasil" (Editora Universitária, 1968); "Temas de História e Política" (Editora Universitária, 1969); "Sociologia do Direito" (Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 1970)

e "Velha e Nova Ciência do Direito" (Editora Universitária, 1974).

Entre as suas obras inéditas e prestes a ser publicadas, encontram-se, além de "Legalismo e Ciência do Direito" (Editora Atlas, São Paulo) e "O Pensamento Político no Brasil" (Editora EDUCOM, Rio), um volume onde está reunida toda a sua obra poética, sob o título de "Poesias", que será lançado ainda este ano pela Editora Pool do Recife.

Na entrevista ao Jornal Universitário, Nelson Saldanha declara que "da visão lógico-formal do mundo não se retira uma compreensão para as formulações culturalistas. As distorções, no segundo caso, ocorrem em maior grau do que no primeiro, porque o pensamento racional é um fruto histórico, mas a História não é um dado lógico-formal".

JU — Sabe-se que você adota uma perspectiva histórica para a análise de fenômenos jurídico-sociais. Quais são, a seu ver, os limites de tal perspectiva?

NS — O problema destes limites é o do próprio historicismo — cujas limitações foram tratadas, entre outros, por Troeltsch. A perspectiva histórica não constitui um "sistema"; ela é um modo de ver, um ângulo desde o qual se redimensionam conceitos, significados, valores, imagens. Ela é antidogmática, mas não exatamente anti-sistemática. É relativista, por certo, mas não propriamente cética, nem incompatível com valorizações. Ai porém entra um dos pontos onde se pode ver um de seus possíveis limites: porque certas opções, em matéria de valor, transcendem do relativismo e pedem uma decisão integral. O "homem", com seus conceitos correlatos, é o limite do relativismo histórico, por ser também seu fundamento.

JU — A Idéia de "exemplaridade" lhe veio de Platão? Como você distinguiria, na exemplaridade, o elemento arquetípico do normativo?

NS — Não, não veio de Platão propriamente, apesar da enorme conta em que o tenho. Em Platão, as idéias representavam essências eternas e perfeitas, modelares, mas não passíveis de traslado histórico. Na exemplaridade, como a entendo, o cunho de imanência histórica é básico. Os elementos arquetípicos são aí "reduzíveis" a categorias culturais; bem como os normativos, que envolvem valores possivelmente "perenes", mas que se expressam por formulações historicamente compreensíveis.

JU — Qual a importância, segundo você, da sociologia para a análise dos fenômenos sociais atuais?

NS — Também a sociologia foi, e é, um produto de determinadas condições históricas. Ela surgiu no pensamento social do Nordeste para dar conta dos problemas da instabilidade e das mudanças que começavam a inquietar as elites pensantes. Os fenômenos sociais atuais são um prosseguimento daqueles, só que talvez com escala intensificada, ritmo acelerado nas transformações e saturação no aspecto de padronização social. A sociologia, porém, é apenas um, dentre os modos de colocar e entender os problemas da época; não se pode entendê-los de todo sem preparo filosófico, evidentemente. No Brasil, aliás, é comum vermos o enfoque filosófico, que é essencialmente exilador e valorativo, ser substituído pelo sociológico, que às vezes resulta aceitador de situações e meramente descritivo, ou quando muito "compreendedor".

JU — Qual o significado de sua posição historicista diante dos fenômenos culturais, em face da quarta dimensão einsteiniana, o tempo, complemento do espaço?

NS — Não entendo de física, mas creio que no caso do pensamento de Einstein o tempo aparece para formar o continuum espaciotemporal, situando os problemas num esquema mais concreto do que o da física newtoniana. Talvez fosse influência do pensar histórico-filosófico contemporâneo, em contrapartida à influência do pensar físico-filosófico que por tanto tempo ecoou sobre as ciências sociais, e ainda ecoa. Mas é sempre necessário distinguir as formulações das ciências sociais, daquelas das ciências naturais, apesar das eventuais semelhanças de linguagem, e dos contactos históricos.

JU — Como se situa você diante da discrepância entre visão culturalista e visão lógico-racional do universo?

NS — Desde logo me inclino a considerar a ambas como "válidas" e correspondentes a angulações complementares.

Entretanto, me inclino pessoalmente à visão culturalista, não podendo deixar de anotar o seguinte: os méritos e as características da cosmovisão lógico-racional são explicáveis e situáveis pelo prisma histórico cultural; mas o inverso parece que não é possível: da visão lógico-formal do mundo não se retira uma compreensão para as formulações culturalistas. As distorções, no segundo caso, ocorrem em maior grau do que no primeiro, porque o pensamento racional é um fruto histórico, mas a história não é um dado lógico-formal.

JU — Como relacionar e distinguir, a relatividade de Einstein e o relativismo cultural que você basicamente adota?

NS — Novamente Einstein! Mas enfim, vejamos. Como disse acima, a relatividade einsteiniana é uma construção do pensamento físico, um princípio correspondente ao reexame das "inexatidões" encontradas no saber físico. Nas ciências culturais, a relatividade (ou melhor, o relativismo) tem o sentido de compreensão, tanto dos atos e fenômenos humanos, na sua conexão com motivos e estruturas, quando do saber referente a eles. Nisso está seu fascínio, sua grandeza epistemológica, mas também sua dificuldade, pois põe o cientista social em diálogo franco com suas próprias limitações.

JU — De onde lhe veio a preocupação com a poesia, e com seu exercício, não tão bissexto em sua vida e ao que parece um seu interesse fundamental?

NS — Para mim a poesia foi um interesse constante desde a primeira adolescência, senão talvez antes. Mas dado o fato de que lido com ciências sociais, devo anotar isto: para quem cuida de ciências sociais, o interesse pela poesia e pelo seu cultivo pode vir de três coisas. Primeiro, do desejo de completar a visão da realidade; segundo, da necessidade de objetivar imagens pessoais da vida; terceiro, do interesse por problemas de linguagem. No meu caso intercorrem todos estes motivos. Além, se me permite, de algo preliminar a tudo isso: pois poeta se é, ou não, e o resto são contextos, motivações e desenvolvimento.

### SONETO PARA CAMÕES

NELSON SALDANHA

Sete anos de poeta, vezes sete não bastariam para se expressar o que fôra em seu sonho: a Pátria, o mar e o que no mar a Pátria ousa e comete.

Nem para se expressar a alma tão grande carregada de aspérrimas lembranças, nem as dores da vida, e as esperanças cujo eco em cada frase a musa expande.

Sem Dinamene e sem Raquel, no entanto cortou seu mar intermínio, rogando aos fados mais amor, menos dureza.

Mas, deixando-lhe os fados só o canto, deixaram-lhe o mais seu, como expressando esquiva, estranha, esconsa gentileza.

JU — Você pratica em Pernambuco um gênero poético que não conta muitos outros cultores, o da poesia de circunstância. Haverá nisso alguma influência das idéias de Ortega sobre o eu e sua circunstância?

NS — Não há, apesar de me considerar (e de ser considerado) até certo ponto um orteguiano. O conceito de circunstância em Ortega (que Julian Marias considerou complementar ao de "vocaçao") aponta um dado abrangente que acompanha o eu e que ajuda a explicar vivências, atos e caracteres. Na poesia de circunstância (ao menos a que eu pratico, aliás sem maior frequência de modo menos substancial do que indicaria sua generosa pergunta), há apenas o convite do evento, a provocação do instante, a sugestão do dado, frequentemente dado em ponto mudo e prosaico.

Durante, diante

NELSON SALDANHA

Antes que as tintas sejam fumo e cinza, antes que a morte reabsorva as cores, e em si sepulte eternamente os risos; antes que os gatos durmam, e esmoreçam as linhas dos perfis, e antes que caem estas sonatas, quero estar aqui. Quero ser ponto e ponte, e ser cliente como lâmpada e corda. Antes que caiam as pétalas e as névoas, quero ouvir o sussurro das rosas e o vibrato da esperança vivente e revivente. Quero o cristal pulsante (no árduo instante), com veludos e cravos, sangue, conchas, ritmo de paz e luta, e, em pleno estro, o crescimento das sementes doces. Quero o frêmito e a calma, a luz e o pouso, a mão e a mão, o chão, o teto, o ferro, o ramo e o verbo, o metro e o horizonte: antes que se desmanchem os contornos, antes que a noite inunde os chãos e os sonhos, antes que os olhos se diluam nela. Antes que escreva outro poema triste.

JU — E por falar em Ortega, você se inclinaria a tecer algumas considerações sobre ele?

NS — Sem dúvida. Ortega não foi um pensador do tipo "criador de sistema", como um Husserl ou mesmo um Jaspers, mas teve a importância de estabelecer o contacto entre as fontes alemãs e o pensar ibérico, renovando-o, inspirando vários escritores importantes e elaborando uma obra enormemente sugestiva. Obra de pensador a-sistemático e interessado em diversos tipos de temas, mas por isso mesmo muito fecundo e sempre muito penetrante, lúcido, incitativo, sugerente.

JU — Qual sua opinião sobre o moderno e a modernidade na arte e na cultura?

NS — Moderno é termo que ora soa pedante e polêmico, ora soa pretensioso e equivoco. Foi moderno, no século XVII, não ser medievalesco. No século XX, na década de vinte, não ser "realista" nem parnasiano. O conceito é portanto flexível, relativo, ou por outra ambíguo, reversível. Transformada em "maneira", a modernidade se dogmatiza e pede sempre uma contestação, que é uma outra modernidade. E via dicendo. Então, ou aceitar passivamente a proclamação de modernidade, ou olhar de cima e integrá-las numa receita "maior", onde o antigo (?) e o moderno (?) tenham vez, sendo antigos e/ou modernos Dante e Cervantes, Hegel e Platão, Bach e Ravel e assim por diante. Jorge de Lima moderno? Sim e não. Machado de Assis moderno? Sim e não.

## Um confronto da música brasileira

A música popular brasileira vem merecendo alta cotação internacional, principalmente por parte de especialistas europeus, como é o caso do Professor Kaufmann, da Universidade de Göttingen, da Alemanha, que fez recentemente um paralelo harmônico entre a nossa música e a de Beethoven, Bach, Mozart e Litz, durante concerto que realizou no Teatro do Parque, sob os auspícios do Consulado Geral da Alemanha.

O concerto do Professor Kaufmann poderá se constituir uma nova abertura no campo da música, aproximando o povo em geral da música erudita, de vez que a apresentação foi caracterizada como um concerto-aula; o trabalho de cada músico era explicado em todos os seus detalhes, notadamente nos momentos em que havia alternância entre a música popular brasileira e a música de compositores clássicos, como os acima referidos.

### MÚSICA E CIÊNCIA

Com veneráveis barbas lou-ras, cabelos longos à Nazareno, e um expressivo par de olhos azuis, além de uma contagiante simpatia, cujo poder de conquista parece próprio de um guru enviado, estrategicamente, para as nossas plagas nordestinas, Konrad Kaufmann nasceu em 1941, em Stuttgart, na Alemanha, graduando-se em Física, na Universidade do seu torrão natal, e doutorando-se, pela mesma Universidade, em 1973, com a tese "Teoria dos Ralos Laser", em que se trata das

bases físico-químicas da excitabilidade das células nervosas e do funcionamento do sistema nervoso.

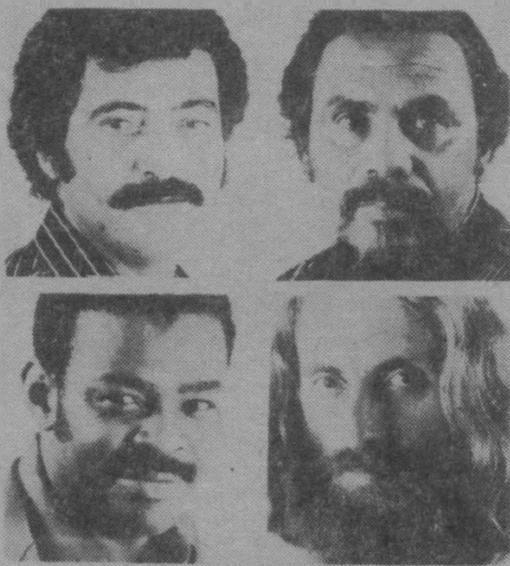
A primeira vez que veio ao Brasil foi em 1968, na qualidade de físico-júnior. Em 1973 fez sua segunda visita ao Brasil, como turista e ao mesmo tempo como Investigador científico, percorrendo diversos Estados do nosso País. Em sua segunda visita, não faltou a instigação de sua esposa, que gostou muitíssimo do Brasil e particularmente do Nordeste.

### INTERCÂMBIO

Na qualidade de professor-visitante da Universidade de Göttingen, no Instituto de Blofísica da UFPE, veio para estudar as possibilidades de um trabalho de pesquisa científica no gênero. Porém confessa vir encontrando dificuldades para obter resultados científicos em nosso Estado, por falta de condições adequadas, embora exista um rico campo de possibilidade por parte de pesquisadores jovens, dotados de superior inteligência e de grande inquietação intelectual, mas sem oportunidades maiores para uma realização mais ampla no campo das pesquisas físico-químicas.

Acha, por outro lado, que por meio de um intercâmbio entre nossas universidades e as da Alemanha se poderá dentro em breve, aproximar etapas, em nosso País, do que está se fazendo no âmbito científico. Pretende, por isso, criar entre seus alunos o maior número de cientistas-júnior e lhes oferecer, por meio de viagens de um a dois anos, para a Alemanha todo o suporte para realizarem aqui mesmo, em nosso País, o que poderiam realizar em outros; a mesma coisa ocorrendo com colaboradores alemães sediados em nossas universidades.

### BEETHOVENS JAZZ KONZERT



Walter - Dimas - Edson - Konrad  
BATERIA BAXO SAXOFONE PIANO

O Professor Konrad (último à direita) juntamente os demais componentes do conjunto.

### INFÂNCIA E MÚSICA

Mas Konrad Kaufmann não é apenas um cientista exigente. É músico desde os cinco anos, quando começou a estudar piano, participando aos seis anos de um concerto de música erudita ligeira na qualidade de pianista, em Stuttgart. Dedicou-se desde então ao piano, especializando-se em sonatas de Beethoven. Aos 18 anos descobriu a música do jazz, particularmente a de George Gershwin, compositor americano de jazz deste século. Ainda como estudante começou a ganhar o seu dinheiro tocando jazz em vários conjuntos da Alemanha, e formando quartetos no gênero jazzístico dixieland, caracterizado pelo caráter alegre e festivo, em oposição à pesada tristeza do jazz clássico.

Cerca de cinco anos vem tocando a música folclórica de sua pátria, publicando dois discos recentemente na Alemanha. Toca também acordeão e órgão, além de piano. É atualmente pianista do DEUTSCHES THEATER GÖTTINGEN, na Alemanha, e realizou lá, em 1976, um concerto de Beethoven, e muitos outros concertos utilizando música de jazz, a última obtendo aceitação cada vez maior em seu País. Logo após sua primeira visita ao Brasil sentiu o impulso de tocar música brasileira, por achar o povo brasileiro dotado de muita musicalidade, além de um caráter emocional em seu temperamento que parece transbordar também em sua expressão musical.

Realizou este mês no Teatro do Parque o seu Beethovens Jazz Konzert, sob a organização do Consulado Alemão do Recife.

Kaufmann elogiou muito os músicos que compuseram o seu concerto, considerando-os muito bem dotados musicalmente, e julgando-se muito feliz em ter tocado com eles. Referiu-se ao saxofonista Edson Rodrigues, ao baterista Walter Moura e ao contrabaixista Dimas Sedícias.

### IDÉIA DO CONCERTO

A idéia musical deste concerto, segundo Kaufmann, foi a de mostrar simultaneamente os elementos constituidores, em suas características próprias, da música erudita alemã e da popular brasileira. Existe, ao seu ver, um paralelismo harmônico entre a música de Beethoven, Bach, Mozart e Litz e a canção popular do Brasil. A Sonata Pour Élise, de Beethoven, por exemplo, apresenta uma estranha semelhança com "Samba de uma Nota Só", de Tom Jobim: as duas composições acentuam muito fortemente uma nota específica — a 5.ª da escala musical — observando, apenas, entre ambas, melodias diferentes porém dotadas da mesma intenção musical.

A Sonata WALDSTEIN, de Beethoven, apresenta semelhanças rítmicas e harmônicas curiosas com a música "Oue Será" de Chico Buarque de Holanda.

A tentativa do concerto de Kaufmann foi a de fazer ver as semelhanças porventura existentes entre as duas expressões musicais: a alemã erudita e a popular brasileira. Em seu parecer elas refletem bastante similitude e também a dessemelhança entre os temperamentos dos dois povos.

A canção de Chico é dotada de alta personalidade, expressa não só nas palavras da música, mas também em sua melodia calma embora extremamente tensa. A música de Beethoven, por comparação, exprime, sem a contensão emocional da de Chico, uma paixão indomável e uma grande vontade expressiva.

## Concurso enaltece Villa-Lobos

Em homenagem ao 90.º aniversário de Heitor Villa-Lobos, o Ministério da Educação e Cultura, a Funarte e o Museu Villa-Lobos promovem o Concurso Internacional de Quarteto de Cordas, a realizar-se no Rio de Janeiro, de 16 a 25 de novembro de 1977. Não haverá limite de idade e cada país poderá representar-se por mais de um Quarteto de Cordas (violinos, viola e violoncelo).

A seleção será feita pelo Museu Villa-Lobos, de acordo com a documentação apresentada, sendo o Concurso dedicado à obra do grande compositor erudito e incluindo outros compositores brasileiros. As inscrições serão feitas a partir de 3 de maio a 10 de setembro no Museu Villa-Lobos — Ministério da Educação e Cultura — Palácio da Cultura, 9.º andar, sala 913 — Rua da Imprensa, 16 — ZC P Rio de Janeiro 20 000 RJ.

### INSCRIÇÕES

A inscrição deverá incluir detalhes do curriculum de cada um dos membros do Quarteto, com o nome, nacionalidade, certificação de nascimento, diplomas, programas, noticiários, críticas (xerox ou fotocópia), fotografias do Conjunto e os títulos das obras escolhidas pelo Quarteto concorrente para as provas de Livre Escolha e Final.

Durante a realização do Concurso será oferecida hospedagem, com refeições, aos conjuntos concorrentes. O Museu Villa-Lobos fornecerá partituras e partes separadas das obras que não se encontrarem no comércio. Serão oferecidos cinco prêmios: Villa-Lobos — US\$ 4.000,00 (quatro mil dólares), em cruzeiros, ao câmbio oficial, medalha de ouro e diploma em pergaminho.

Seguem-se os demais prêmios: Paulina D'Ambrozio — US\$ 2.000,00, medalha de "vermelho" e diploma em pergaminho. Paulo Silva — US\$ 1.000,00, medalha de prata e diploma em pergaminho. Menção Especial — Medalha de bronze e diploma em pergaminho. E, por último, Menção Honrosa — Diploma em pergaminho.

Maiores informações poderão ser obtidas na Coordenadoria de Comunicação Social do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no Recife.

## Americanos homenageiam Villa-Lobos em festival

Por Beth Knisley

WASHINGTON — A parte principal do VIII Festival Internacional de Música, que se realizou nesta capital, de 2 a 7 de maio, foi dedicado à música do grande compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos. Durante o festival, em honra do nonagésimo aniversário de nascimento do compositor brasileiro, foram executados sete concertos, do homenageado e de outros compositores contemporâneos dos Estados Unidos e da América Latina.

O festival, auspiciado pela Fundação Interamericana de Música e Arte, "é, virtualmente, a única atividade continental em que há um vivo intercâmbio de experiências musicais" — disse Harold Boxer, presidente da Fundação.

Desde seu início, em 1958, os festivais Interamericanos de música fizeram 112 estréias mundiais de obras de 112 compositores, inclusive 77 da América Latina.

"Criaram-se os festivais com o objetivo de oferecer oportunidades de conhecer os compositores e músicos do Hemisfério Ocidental" — declarou o Sr. Boxer. "Cada ano, acrescentam-se novos nomes e novos títulos. Nós, na Fundação, nos sentimos satisfeitos em abrir novos caminhos, deixando o já estabelecido. Todavia, quando uma composição tem grande êxito, um êxito maior do que a média, nós a incluímos novamente no festival".

O Presidente Jimmy Carter — presidente honorário do festival — disse que "o Festival Interamericano de Música provê uma ocasião de ouvir as obras dos mais eminentes compositores do Hemisfério, interpretadas por alguns dos artistas de maior talento".

Alejandro Orfila, Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), vice-presidente honorário do festival, declarou que, "o festival, serve de meio para fazer progredir em suas carreiras aqueles que se fazem representar no programa. Como os anteriores, este festival contribuirá para unir os povos da América".

Entre os convidados ao festival estavam as brasileiras Bidu Sayão, cantora de ópera, que comemora o 40.º aniversário de sua estréia no Metropolitan, e a viúva de Villa-Lobos. Numerosas obras de Villa-Lobos foram dedicadas à "Mndinha", como chamava ele a sua mulher. Depois da morte de Villa-Lobos, em 1959, sua viúva foi designada Diretora do Museu Villa-Lobos, no Rio de Janeiro.

O Festival teve início na sala de concertos do Kennedy Center, com a apresentação da Sinfônica de Baltimore, sob a regência de Sergiu Commission, e interpretação de trabalhos de Robert Lewis, Oscar Lorenzo Fernandez, Alberto Ginastera e Elie Siegmeister. Caio Pagano, notável pianista brasileiro, foi o solista em "Monoprecocce", uma fantasia para piano e orquestra de Villa-Lobos.

No dia 3, a orquestra do festival, sob a batuta de Mário Tavares, do Brasil, interpretou um programa com obras exclusivas de Villa-Lobos, inclusive as "Bachianas Brasileiras n.º 5", que teve por solista o soprano Paula Seibel. O programa incluiu também a primeira execução fora do Brasil do poema sinfônico "Genesis".

Dia 4, a Orquestra Sinfônica de Louisville, sob a regência de Jorge Mester, apresentou, em estréia mundial, o "Concerto para Violão e Orquestra", de Francisco Mignone, do Brasil. O violonista Carlos Barbosa Lima foi o solista. Também estrearam em Washington "Dervishes; Cena de Dança Ritual para Orquestra", de Dan Welcher, e "Variação e Mosaicos sobre um Tema de Stravinsky", de Priscilla McLean. O número de Villa-Lobos foi as "Bachianas Brasileiras n.º 4".

Dia 5, o novo conjunto da Universidade de Indiana dirigido por Fred Fox apresentou, na Biblioteca do Congresso, a estréia mundial de "Presencias", de Juan Orrego-Salas, e de "Time Excursions", de Fred Fox. O Concerto incluiu igualmente composições de Roque Cordero, Gerardo Gandini, Bernhard Heiden, Andrew Imbrie, John Eaton e Villa-Lobos.

Dia 6, a Biblioteca do Congresso apresentou o quarteto da Universidade de Brasília, que inter-

pretou música de, Carlos Teppa, Walter Piston, Villa-Lobos e Camargo Guarnieri.

No dia final do festival, 7 de maio, o conjunto de câmara do festival, sob a direção de Stephen Burton, apresentou no auditório da Academia Nacional de Ciência um programa de composições de David Amram, Stephen Burton, Charles Ives e Villa-Lobos.

O concerto final do dia 7 teve duas partes. O pianista brasileiro Ney Salgado interpretou músicas de seus compatriotas Cláudio Santoro, José Almeida Prado e Villa-Lobos. Em seguida, o Grupo Coral de Câmara Interamericano, sob a regência de Jean Tarnewiecki, apresentou a "Missa de São Sebastião", de Villa-Lobos, e "Las Cumbres", do peruano Enrique Iturriaga.

Celebrando o aniversário de nascimento de Villas-Lobos, a Biblioteca do Congresso apresentou também uma exposição de suas partituras e outros objetos memoráveis cedidos por empréstimo pelo Museu Villa-Lobos. A exposição incluiu as partituras de várias de suas composições, fotografias, correspondência com algumas das personagens da música internacional e sua coleção pessoal de instrumentos de percussão dos índios brasileiros.

## Grande público vê exposição de obras de novos artista

Dentro da perspectiva de levar ao conhecimento do público em geral, o resultado do seu trabalho no campo das artes e das letras, o Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco vem desenvolvendo uma programação que compreende exposições, concertos e correspondência com os maiores centros culturais e universitários, do Brasil e de vários países.

Já foram realizadas exposições no centro da Capital pernambucana — nas vitrines das lojas Slopier e Mesbla —, para o que tem contado o Departamento de Extensão Cultural com o apoio da comunidade, notadamente de líderes empresariais. Tais iniciativas, que representam um dos aspectos da atuação do poeta Marcus Accloly, diretor do DEC, têm possibilitado ao público conhecer parte do acervo de artes e das atividades desse órgão da UFPE.

Desde bonecos, que representam o Teatro de Fantoques, (mamulengo) sob a orientação do grupo SÓ-RISO, que conta com o apoio do DEC, a obras de escultura, pintura, tapeçaria, bonecos de Vitalino, livros de novos escritores e poetas, entre outras obras de arte, reunidas no acervo do DEC, e que resultam da ação desse Departamento no incentivo às artes e à cultura em geral.

O programa do DEC inclui também as comunidades do Interior do Estado. Os habitantes de Garanhuns — uma das principais cidades do Interior pernambucano — tiveram oportunidade de assistir, mês passado, a um concerto do Conjunto Instrumental de Câmara da Universidade Federal de Pernambuco (DEC), composto por Dinara Helena Pessoa, Ilma Lira (coordenadora), Inês Demétrio, Carlos Pires e Margarida Beça.



## Liêdo: de Paris ao ferro velho, construindo arte

Numa linha criativa, nas artes plásticas, das mais ricas, novas e sugestivas, Liêdo Maranhão — que já se notabilizou por suas pesquisas nos domínios da literatura de cordel, tendo como fruto das mesmas um livro editado pela Vozes, e outro a ser editado em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura da PMR — implantou, por assim dizer, um novo gênero plástico, com a utilização do ferro velho das demolições para criar, por meio de combinações imprevisíveis, as suas figuras animadas todas do elemento mágico presente na cultura do Nordeste.

Nascido em 1925, Liêdo Maranhão saiu do Brasil em 1951, rumo a Paris, onde foi se especializar em odontologia, curso que concluiu aqui, no Recife, um ano antes. Empreendeu logo a seguir uma verdadeira tournée por outros países da Europa, por motivos, naquela época, para ele mesmo indecifráveis, passando a estabelecer contactos, ainda na França, com museus de arte, congressos, conferências, pintores brasileiros já radicados, etc. Foi sob tais estímulos que iniciou um rigoroso estudo de pintura, e de artes plásticas, no sentido geral, consultando livros e visitando as melhores pinacotecas européias. Conheceu dezenas de países, e neles os museus mais importantes como o do Vaticano, em Roma; o Museu de Viena, na Áustria; o Museu Del Prado, em Madrid; o Museu do Louvre e o Museu Impressionista, em Paris, e o Museu de Berna, em Basileia, na Suíça, entre outros.

Terminou por casar-se com uma espanhola e, após 3 anos de andança, voltou com ela para o Brasil, fixando-se definitivamente em Recife. Com a sua volta fez amizade com os nossos pintores mais importantes como Anquises, João Câmara, Maria Carmem, José Cláudio, Adão Pinheiro e Vicente do Rêgo Monteiro, começando junto com eles a participar do "Atelier 10", no Amparo, em Olinda. Desse convívio agradável e inteligente brotaram suas primeiras esculturas em madeira, tendo como material troncos de coqueiro, e fazendo com elas várias exposições, obtendo, inclusive, prêmio de escultura no Museu do Estado, no Recife.

Liêdo adota, então, na escultura em madeira, uma tendência para a simplificação e para a pureza de linha, influenciado que se encontra pelas figuras dos ex-votos nordestinos, em seu primitivismo contundente e doloroso. Seu trabalho parece sofrer a marca espanhola do misticismo, bem como uma grande identificação com a força telúrica e o caráter heráldico e nobiliárquico da pátria de sua esposa. Costuma criar diretamente sobre a madeira, sem desenho prévio, conduzido por sua própria forma material: procurando, por exemplo, seguir as nervuras, os nós, os veios, certas distorções ou deformações da madeira, e extraindo de tudo uma figuração aparentada com o seu gosto pessoal.

As suas preocupações artísticas, levaram-no a empreender, por outro lado, exaustivas pesquisas sobre a literatura de cordel. Dessas pesquisas — das quais, como vimos, resultaram dois livros — terminou por entrar num contacto, verdadeiramente insólito, com os restos sobreviventes de ferro velho, muitas vezes encontrados pelas calçadas em torno do mercado de S. José, sede por sinal dos folhetos de feira, dos quais se fez um dos mais sérios pesquisadores.



Pelos caminhos os mais tortuosos Liêdo terminou, finalmente, por chegar ao ferro velho, descobrindo o valor de uma escultura tomando ele por base e por material, com a intenção, não isenta de um sentido de preservação histórica, de não deixar que se perdessem os saudosos e miraculosos restos do ferro que sobrou das demolições que, como verdadeiras catástrofes, impulsionadas pela mania de desenvolvimento, passaram a dominar a nossa capital.

Pois bem: temendo que o ferro velho se perdesse, Liêdo viu diante de si uma verdadeira mina; e de tal descobrimento passou a erigir suas formas escultóricas, em que predominam pessoas e animais, profundamente talhados no mais secreto de nossa tradição. Tendo um resultado mais imediato do que na escultura em madeira, para extrair suas figuras, conta, além disso, com um fator economicamente mais compensador: numa era de carestia como a nossa, consegue um quilo de ferro velho por apenas seis cruzeiros. A única dificuldade consiste em encontrar ferros apropriados para estabelecer suas combinações de forma, rejeitando, basicamente, ferros de automóvel e de objetos eletro-domésticos, e de tudo quanto for material da sociedade de consumo. Com tão econômicos meios, e com a indispensável colaboração de um bom soldador elétrico, dispensando, ainda por cima, qualquer trabalho braçal, o resto corre por conta da imaginação do Liêdo.

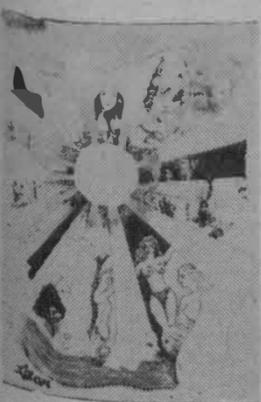
As formas por ele projetadas se prestam, em sua abertura de significantes, para os mais diversos tipos de interpretação. Uma dada figura pode lembrar, para cada observador, objetos os mais distintos, conquanto o escultor tivesse em mira apenas a expressão de um só tema ou significado. A presença do onírico, do fantástico e do erótico — ligada que está à própria tradição de cordel — constitui-se no fator caracterizador por excelência de sua criação. Reis, heróis, priapos, peixes legendários passaram a fazer parte do seu mundo escultórico. A escultura de um peixe, por exemplo, 35kls., elaborada por meio de imaginosa junção de velhas picaretas, pode lembrar-nos ossadas anti-diluvianas perdidas na face do planeta. Outra de suas esculturas — sobre o deus Priapo — consegue, pela sua carga erótica, atingir o máximo de contundência. Mais uma outra em que o escultor, querendo representar, uma bailarina, findou por despertar no contemplador as representações mais díspares que vão de uma cabra, ou uma espada, até um Cristo morto sobre a cruz.

Finalmente, sem ter a ver com arte-objeto, ou pop-art, Liêdo Maranhão se apresenta como o criador de novos objetos artísticos que se abrem para os mais diversos ângulos de significação. Segundo o escultor, seu trabalho pode ser interpretado como uma reação à enfermidade da talhite que inflaciona o mercado consumidor de arte entre nós.

Segundo nós, sua invenção nos aponta para uma questão estética importantíssima: que é a de saber até que ponto o material utilizado na criação da arte pode contribuir para o nascimento de novas formas dentro dela.

## Mais um jovem artista

José Maria de Lima Filho, que faz o curso médio em uma das nossas instituições de ensino, cultiva os mais diversos gêneros artísticos, que vão do poema, da revista em quadrinhos ao desenho propriamente dito. Parece, entretanto, colocar sua força básica no desenho: e isso poderá ser visto por dois de seus desenhos escolhidos para esta edição, onde, ao lado do traço pessoal, pode ser observado o temperamento basicamente alimentado pelo gosto do onírico e do fantástico.



# Arte & Tempo

Ângelo Monteiro

É difícil viver-se, e mesmo conviver-se, numa sociedade como a nossa de pasmeceira geral. Qualquer ímpeto de originalidade é naturalmente encarado como capricho desnecessário, quando não deletério. Pois os espíritos, geralmente padronizados que conhecemos, contam com fórmulas, também padronizadas, para conceber até o que deve ser para eles original.

Ninguém pode começar nada, porque qualquer começo intranquiliza logo a tradição adotada de repetir sempre, até à decomposição de tudo, o que foram, muitas vezes inconscientemente, ensinados a repetir. Se algum artista concebe algum plano ou projeto pessoal, e quer levá-lo a cabo, — Insensatez supremal — não faltarão aqueles que venham com o infalível chavão: isso é uma coisa muito séria. Confirma-se a cada vez que nada querem com as coisas os que as levam demasiadamente a sério. Falta-lhes dirão que não se deveria correr semelhante risco, enquanto eles próprios, por evitarem qualquer forma de risco, não chegaram a resultado algum. E se estão livres de errar é porque justamente são impotentes para começar. Pois o erro, segundo Heidegger, é condição para a verdade.

Se alguém se volta para os autores mortos — por estar de ouvidos moucos para a melodia cansada dos palradores vivos — não faltarão também os que se incomodem com isso, segundo o raciocínio tão esperável de que aqueles não mais existem, e se há tantos famosos, por que perdê-los de vista, e não fruir, ao menos um pouco, de sua perfeição? O curioso é que tais pessoas desconheçam normalmente, por princípio, qualquer texto, qual se estivesse vasado numa língua morta, e por isso apelam para os nomes conhecidos, como melo de enredarem o caminho daqueles que osam começar, ainda que sob o desespero solitário de tal condição.

Se alguém se aventura, na arte, a se aproximar dos modelos que se identificam, inexoravelmente, com seu próprio desejo de perfeição, há de encontrar, igualmente, a acerba condenação desses senhores que proíbem aos outros aquilo que jamais atingirão por si mesmos.

Uma vez falei desarmadamente, com uma escriba local, sobre a minha admiração por Nietzsche. A reação dela foi achar, por tão pouco — a simples citação de um nome — que eu estava falando

muito difícil. Naturalmente porque a conversa com ela deveria ser sobre roupas e perfumes, ou então sobre economia doméstica, ou no máximo sobre política literária, e não sobre idéias que eu julgasse que a ela, como artista, também houvesse de interessar.

A falta de interesse e de curiosidade, sempre alarmante, chega a nos fazer duvidar da própria sobrevivência da inteligência humana. Parece até que certas pessoas, quando se arriscam a ler, normalmente não sabem o que estão lendo e, por essa tão escusa circunstância, terminam se fazendo escritores. Conheci poetas — já que passei grande parte dos meus dias perdendo o meu tempo com eles — que ora condenavam, ora elogiavam meus versos, quando inéditos, e mudavam inteiramente de opinião após vê-los publicados.

E quando estava para publicar um dos meus livros, ouvi de alguns, ao opinarem sobre determinado grupo de poemas, que eu deveria destruí-lo; os mesmos, após a publicação, sem mais se lembrarem do fato, vieram a considerar justamente esse grupo de poemas a melhor parte do livro, enquanto que a outra — a que tanto elogiaram — consideravam agora a pior. Como vemos, as mesmas pessoas, falando sobre as mesmas coisas, e em circunstâncias não tão dessemelhantes, refletem simplesmente, no seu agir costumeiro, uma absoluta ausência de curiosidade e de interesse; em suma, de profundidade.

Adotei, por consequência, a seguinte fórmula para viver e conviver, sobretudo com essa raça contraditória de intelectuais: Desconfie em primeiro lugar dos seus parentes; em segundo lugar dos seus amigos; e só em último lugar dos inimigos. E, se for escritor, principalmente dos inimigos literários, os quais se encontram, muitas vezes, entre os nossos melhores amigos.

Imaginem a tragédia dos que nasceram igualmente belos, ricos e inteligentes. Se os que são apenas inteligentes, vivendo entre tais bestas, estão sujeitos a ser massacrados por uma delas, vamos imaginar se, além de inteligentes, fossem também belos e ricos.

Simplesmente eu me recusaria a participar de semelhante tragédia.

## Congresso em Brasília dá prêmios a escritores



UM DOS MOMENTOS DO ENCONTRO DE ESCRITORES

Há quem condene a promoção de congressos de classes, sob a alegação de que eles se prestam tão-somente a passeios, encontros sociais e turísticos. Na verdade, tais aspectos fazem parte da maioria dos congressos. Não se pode negar, entretanto, que resta um saldo positivo: a troca de experiências, notadamente entre bancadas de diferentes Estados e regiões, o intercâmbio sadio e espontâneo que geralmente se estabelece entre os que se mobilizam com o intuito de defender seus próprios pontos de vista e os interesses maiores da classe a que pertencem.

Quando nada, ecoam pronunciamentos relevantes, na defesa de princípios transcendentais para os interesses comuns. As mesas-redondas, as conferências, teses defendidas — são aspectos que justificam a realização dos congressos de classe.

### LITERATURA

Na primeira quinzena de abril último, foi a vez dos escritores se reunirem em Brasília, realizando o XI Encontro Nacional de Escritores, XI Concurso Literário e IX Simpósio de Literatura. Participaram nomes de destaque: Fábio Lucas, César Leal, Ledo Ivo, Bernardo Elis, Celso Cunha, Maria Luiza Ramos, Wilton Cardoso, Gilberto Mendonça Telles, Mauro Motta, Arthur Eduardo Benevides, Josué Montello, Odylo Costa Filho, Marinho de Azevedo, Carlos Menezes, Elycio Condé, Antonio Carlos Villaça, Marcus Accioly, Arlindo Trevisan, Carlos Nejar e Cyro Pimentel.

"A obra de José de Alencar" — foi o tema central do Encontro. Houve palestras, simpósios sobre os diversos aspectos da obra do escritor cearense.

No final, saíram premiados os escritores Alceu de Amoroso Lima (pelo melhor conjunto de obras) — Cr\$ 90 mil; João das Neves (a melhor peça publicada — "O Último Carro"); Deonísio da Silva (ficção publicada — "Exposição de Motivos"); Maria Lúcia Lepecki (ensaio publicado — "Autran Dourado, uma Leitura Mítica"); Francisco Brasileiro (teatro inédito — "Monção"); Moacir Scliar (ficção inédita — "Um Mês de Cães Danados"); e Regina Zilberman (ensaio inédito — "Do Mito ao Romance — Tipologia da Ficção Brasileira Contemporânea").

As comissões julgadoras: para os prêmios de crítica literária ou ensaio literário — Heráclio Salles, Fábio Lucas e Luiz Costa Lima; para os prêmios de teatro — Antonio Salles, Luiz Guttenberg e Dulcina de Moraes. Reuniram os membros das comissões julgadoras, em comissão plenária, e indicaram o nome para receber o Prêmio Brasília de Literatura e também o nome para o Prêmio Caixa Econômica Federal, que foram, respectivamente, Heráclio Salles, presidente do Instituto Nacional do Livro, com a obra "O Fruto do Vosso Ventre", e Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athaide).

## Escritores em novo congresso

# CATALOGANDO

Bonifácio Andrade

Numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, será realizado o IV Congresso Brasileiro de Crítica Literária, de 20 a 25 de setembro deste ano, em Campina Grande, Paraíba. Foram convidados a participar do encontro os críticos Eduardo Portela, Afrânio Coutinho, Alceu Amoroso Lima, Gilberto Mendonça Teles, Nely Novais Coelho, Luiz Costa Lima, Massaud Moisés e Juares da Gama Batista.

O Congresso contará também com representações de diversas Universidades, igualmente convidadas pela Coordenadoria Geral do conclave. Além do programa já aprovado, que enfatizará, naturalmente, os diversos aspectos da crítica literária no Brasil, haverá uma Feira de Livros com a participação das principais editoras nacionais.

O IV Congresso Brasileiro de Crítica Literária conta com o co-patrocinio da Universidade Federal da Paraíba, Universidade Regional do Nordeste (Campina Grande), Prefeitura Municipal de Campina Grande e Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira, de Campina Grande.

### RESUMOS, da SBPC

Entre os dias 6 a 13 de julho vindouro realizar-se-á, em Fortaleza, Ceará, a 29.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Na ocasião circulará mais um número de Resumos, alentado volume com os resumos das comunicações que serão apresentadas no conclave. Essa publicação aparece sempre como suplemento do número de julho da revista mensal Ciência e Cultura, publicada pela SBPC.

Constituem os Resumos excelente indicação do que se vem fazendo no Brasil em todos os campos da Ciência. Nas reuniões anuais da SBPC não há apenas a apresentação e o debate dos trabalhos sintetizados nessa publicação. Há simpósios, conferências, mesas redondas, cursos e outras sessões, além das assembleias da própria SBPC e de entidades a ela ligadas, como a Sociedade Brasileira de Física, a Sociedade Brasileira de Genética, a Sociedade Brasileira de Professores de Linguística, etc., atividades essas que não estão registradas na referida publicação. E há ainda as ausências das reuniões. Alguns poucos dos importantes cientistas brasileiros, residentes no Brasil, não estão ligados à SBPC; e vários cientistas ligados a essa entidade de uma ou de outra forma não têm podido comparecer a esta ou àquela reunião. Todavia, Resumos apresenta um quadro que, sem ser completo, é suficientemente abrangente para indicar a cada pesquisador o que está sendo feito em seu campo de estudos no Brasil por brasileiros e por estrangeiros.

No ano próximo passado, por exemplo, na 28.ª Reunião Anual, realizada em Brasília, além dos outros trabalhos, foram apresentadas três mil e duas comunicações. Quase dois quintos dessas comunicações, ou mais precisamente, 1.184, correspondentes a 39,4% do total, foram sobre as ciências que a SBPC reúne sob o título de Ciências da Vida (Biologia, com seis subdivisões; Medicina, com dez subdivisões; e Psicologia). As outras distribuíram-se pelos diversos outros campos, segundo a mesma classificação, da seguinte maneira: Ciências Matemáticas, 38 comunicações, correspondentes a 1,3% do total; Ciências da Matéria (Física e Química), 738 comunicações, 24,6%; Ciências da Terra e do Universo (Astronomia, Geofísica, Geologia, Oceanografia, Geografia e Mete-

rologia), 168 comunicações, 5,6%; Ciências do Homem (subdividida no parágrafo seguinte), 327 comunicações, 10,9%; Ciências Aplicadas (Agricultura e Zootecnia, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia e Tecnologia, Computação e Simulação), 473 comunicações, 15,7%; e Ciências do Meio-Ambiente (Ecologia), 74 comunicações, correspondentes a 2,5% do total.

As 327 comunicações sobre Ciências do Homem foram distribuídas ainda segundo a classificação da SBPC, da seguinte maneira: História e Arqueologia, 42; Sociologia e Antropologia, 83; Economia Demográfica, 14; Linguística e Literatura, 47; Filosofia e Educação, 98; Direito e Administração, 3; Artes e Comunicações, 5; Filosofia da Ciência, 7; e Ciências Políticas, 28.

As estatísticas dos parágrafos anteriores indicam a importância que tem nas reuniões daquela entidade o que a SBPC denomina de Ciências do Homem, como também o sub-conjunto desta constituído pelas Ciências Sociais. Isto resulta de uma grande e necessária abertura da Sociedade, pois quando ela foi fundada, há quase três décadas, congregava apenas cientistas naturais. E no ano passado, foi também marcante a presença dos cientistas sociais nos setenta e cinco simpósios e nas vinte e uma mesas-redondas realizados dentro da 28.ª Reunião Anual.

### NOTAS

1 Nas livrarias há três meses o nono volume da História Geral da Civilização Brasileira (veja "Catalogando de janeiro"). 2 A Companhia Editora Nacional reeditou O estudante e a transformação da sociedade brasileira, de Marialice M. Foracchi. 3 A Grijalbo lançou a tradução de Da Monarquia à República: Momentos decisivos, de Emilia Viotti da Costa. O volume reúne trabalhos que a autora, ex-professora da Universidade de São Paulo, escreveu nos Estados Unidos. 4 No final do ano passado a Zahar acrescentou mais um volume à sua estante de estratificação social: do sociólogo inglês James Littlejohn, da Universidade de Edimburgo, e em tradução de Ricardo Gomes Lima, Estratificação social — Uma introdução. 5 A Câmara dos Deputados e o Governo do Estado de Minas Gerais estão publicando, em dez volumes, organizados por Herculano Gomes Matias e outros, os Autos de devassa da Inconfidência Mineira.

## "Memórias do navegante"

"Memórias do Navegante", de José Rodrigues de Paiva, se enquadra, sob a lição de Pound e Eliot, dentro do processo de intertextualidade. O livro, dividido em dez cantos, mas que, ao mesmo tempo, se nega à aventura épica, vê-se marcado por caráter meio irônico, também não estranho aos seus mestres europeus, e dentro dos nossos limites, irá ocupar um lugar significativo na literatura pernambucana.

Ecolhemos fragmentos do canto Primeiro — Preparação da Viagem:

20 Direi coisas perdidas na memória das águas agitadas da existência, tempo passado, estrada provisória, que encontro em permanente confluência na vida sempre tão contraditória, nos dias que se vão, deixando ausências. Direi palavras velhas sempre novas, guardadas entre as cinzas de outras horas.

25 Direi coisas antigas: sonhos, viagens, infâncias soterradas, velas, mastros, continentes perdidos e vlsagens de gigantes de pedra, estrelas, astros, rotas, roteiros, quilhas, marlhagens.

30 águas marinhas verdes como pastos. Também de coisas vãs direi aqui, que muitas coisas vãs no mundo vi.

50 Para me acompanhar nesta jornada, convoco Orfeu mais outras companhias: de Castró a linda Inês assassinada, Enéias que vitórias sempre via, Ulisses, odisséias terminadas e Beatriz mostrando a travessia da selva escura às ilhas do mar largo, Camões, Virgílio, Homero, ó Dante magno!

# Museu de Olinda: casa que conserva alma do passado e fala ao presente

TEXTO DE CONCEIÇÃO LINS

As paredes já estão elevadas e são postas as últimas grades de ferro, enclausurando os padres e seculares que tenham praticado algum delito de jurisdição eclesiástica. É o ano de 1766. Está pronto o Aljube de Olinda, um dos poucos conhecidos no Brasil.

Essa obra idealizada e concluída no arcebisado de Dom Xavier Aranha, recebeu como complemento uma capela frontal, permitindo aos que se encontravam detidos, assistirem ao ofício da Santa Missa pelas janelas emolduradas com grades. A capela recebeu como Santo patrono São Pedro Advíncula, que na tradução do italiano corresponde a São Pedro Acorrentado, criando-se desse modo uma íntima correlação com os que se encontravam dentro dessa casa de grades.

Vão passando os anos/séculos. A cadeia eclesiástica vai sendo abandonada, até um dia em que a Municipalidade de Olinda arrebatara com seus lamentos e fantasmas, para de novo colocar no seu interior os homens que a sociedade julga perigosos. Torna-se a conhecida "Cadeia de Olinda", e prossegue na sua primeira função.

Duzentos anos depois, num contraste de épocas, o antigo Aljube passa a ser museu de Arte Contemporânea, inaugurado em 23 de dezembro de 1966. O prédio, restaurado para que se pudesse instalar o Museu, permanece com sua arquitetura original, tombada pelo Patrimônio Histórico, assim como a capela, que é aberta ao público diariamente pela tarde, mostrando a sua autenticidade e beleza que o tempo, ao acentuá-las, não conseguiu destruir de todo. É um dos principais monumentos históricos situados na Rua 13 de Maio, inclusive oferece ao turista a oportunidade de conhecer importantes capítulos da arte barroca de Olinda.

Para que o Museu começasse a funcionar, Assis Chateaubriand, juntamente com um pequeno grupo de artistas, doou quadros e peças que hoje fazem parte do acervo.

Por ser um órgão estadual, o MAC só conta com as pequenas verbas que o Estado dispõe, não cobrando as pautas do auditório, aluguéis de exposições particulares ou mesmo dos seus salões anuais. Alguns grupos que ali realizam seus espetáculos cobram pequenas taxas do público não se beneficiando o Museu, de nenhuma percentagem dessas apresentações.

O MAC dispõe de uma biblioteca que ainda não se encontra instalada por falta de espaço físico. Existe um projeto de ampliação do Museu com a compra das casas laterais, não concluído até agora, o que retarda uma maior expansão e melhor distribuição das peças e das exposições nele realizadas. Por sofrer efeitos da umidade, maresia e ressecamento, o seu acervo necessita de mais espaço, tornando-se um problema onde guardá-lo.

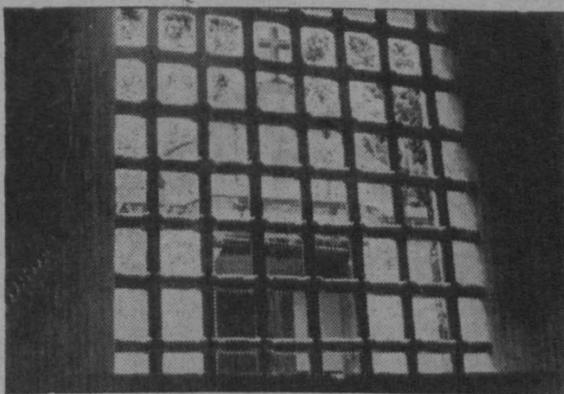
Mas apesar das condições limitadas o MAC precisa continuar existindo, mostrando a arte como a expressão da vida, dando uma nova visão do Museu: atuante, contribuindo entre outros aspectos para que novos artistas apresentem shows, peças, exposições; realizando cursos de teatro, expressão corporal e a exposição rotativa do seu acervo.



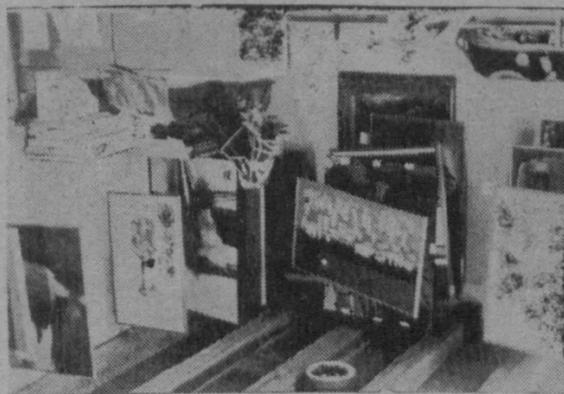
Quadros que embelezam ambiente à disposição do público



Brasão que simboliza o espírito da ordem religiosa que construiu e utilizou séculos afora o edifício do Museu



Por trás destas grades os presos assistiam aos atos religiosos na capela em frente



Algumas peças do rico acervo do Museu



Uma das fachadas do histórico prédio do Museu



O MAC mantém uma atividade constante, tendo chegado em 1976 a 48% das atividades realizadas no Departamento Cultural de Artes de Pernambuco.

Anualmente, são organizados três grandes salões oficiais: Salão das Madonas, no mês de maio; Salão dos Novos, no dia Nacional da Cultura — 05 de novembro; e A Natalina em dezembro. O Salão das Madonas foi criado em consequência do Ano Internacional da Mulher em 1975. Nele são apresentadas "Madonas Sacras e Profanas", uma representação da mulher em todos os seus aspectos, aos olhos de cada pessoa, com seus defeitos ou virtudes, pudor ou malícia, a mulher fantasiada pela vida, ou viva entre as fantasias de um mundo idealizado nas mentes dos que a retratam. No ano de 1976 o 1.º lugar do Salão das Madonas foi conquistado por Sérgio Lemos com seu quadro "A Madona Partida", que pertence agora ao acervo do Museu.

O Salão dos Novos apresenta trabalhos de artistas ainda não consagrados nem premiados pela crítica. Abre desse modo uma oportunidade àqueles artistas que têm trabalhos para mostrar e nem sempre encontram um lugar onde o público possa vê-los. O MAC cria assim uma nova abertura para as exposições, oferecendo aos artistas, que lutam por um local onde expor suas obras, um espaço de acesso permanente.

Também, em 1975, foi inaugurada no Museu de Arte Contemporânea a Exposição dos Nus Artísticos. Essa exposição, idealizada em contrapartida da mulher vista e usada apenas como veículo de propaganda, busca mostrar a beleza do corpo aberto, livre, total em todos seus aspectos, na sensualidade abstrata que emana da pureza de existir, a nudez que a percepção artístico/estética confecciona numa obra de arte, respeitanto e retirando dela todo um potencial criador.

Na 1.ª Exposição dos Nus Artísticos colaboraram apenas artistas convidados. Atualmente, encontra-se aberta aos artistas em geral, havendo uma seleção prévia dos trabalhos. Participam na Exposição telas, gravuras, fotografias, colagens, esculturas e qualquer outro tipo de manifestação da arte.

Os Salões são premiados e neles são oferecidos coquetéis. O Grupo Sulamérica de Seguros tem colaborado em algumas promoções como A Natalina de 1976 e a Exposição de Zuleno, também nesse ano.

"Motivos Carnavalescos", — exposição que se divide em Instantâneos do Carnaval e Retrospectiva de Fantasias —, atrai muita gente pela sua originalidade, sendo de grande interesse para todos aqueles que conhecem e/ou participam dessa festa, em Pernambuco, principalmente em Olinda, que ainda mantém toda uma tradição do verdadeiro carnaval; revivendo nessa exposição os carnavais em todas as suas épocas.

Os Consulados contribuem com filmes, que são muitas vezes complementados com exposição oral, ou visual, exibidos para as escolas que frequentemente visitam o Museu. Seguindo a linha de Museu-Escola, o MAC está aberto para os estabelecimentos de ensino que buscam conhecer mais de perto a cultura artística contemporânea. Em 1977 dois concursos já foram realizados para as escolas; Literário, na Semana da Árvore, com poesias, e outro de confecção de uma Bandeira com material variado, tendo concorrido bandeiras feitas de conchas marinhas, açúcar e outros materiais que as tornaram bem criativas.

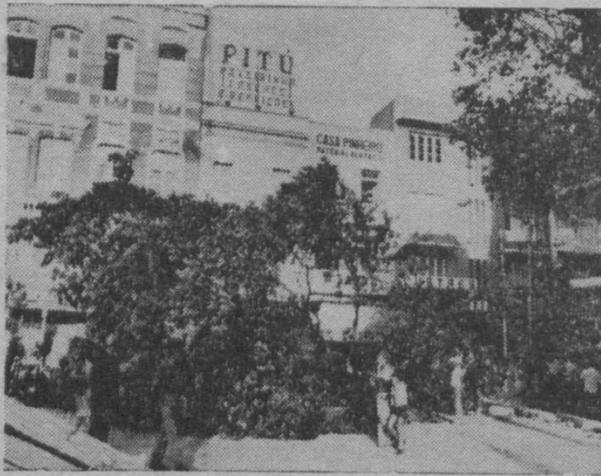
Com poucas verbas, e sem contar com maior divulgação, mesmo assim o Museu vem realizando um trabalho importante para valorização e estímulo às artes e à cultura em geral, mostrando, enfim, que a arte é a expressão da própria vida.

Contribui dessa forma para apagar a idéia de que Museu é antiguidade, coisas paradas; ao contrário, são, na concepção atual, órgãos vivos, depositários e fomentadores da própria cultura, e que procuram diligenciar no sentido do renascer em todos os movimentos/cores/momentos da vida.

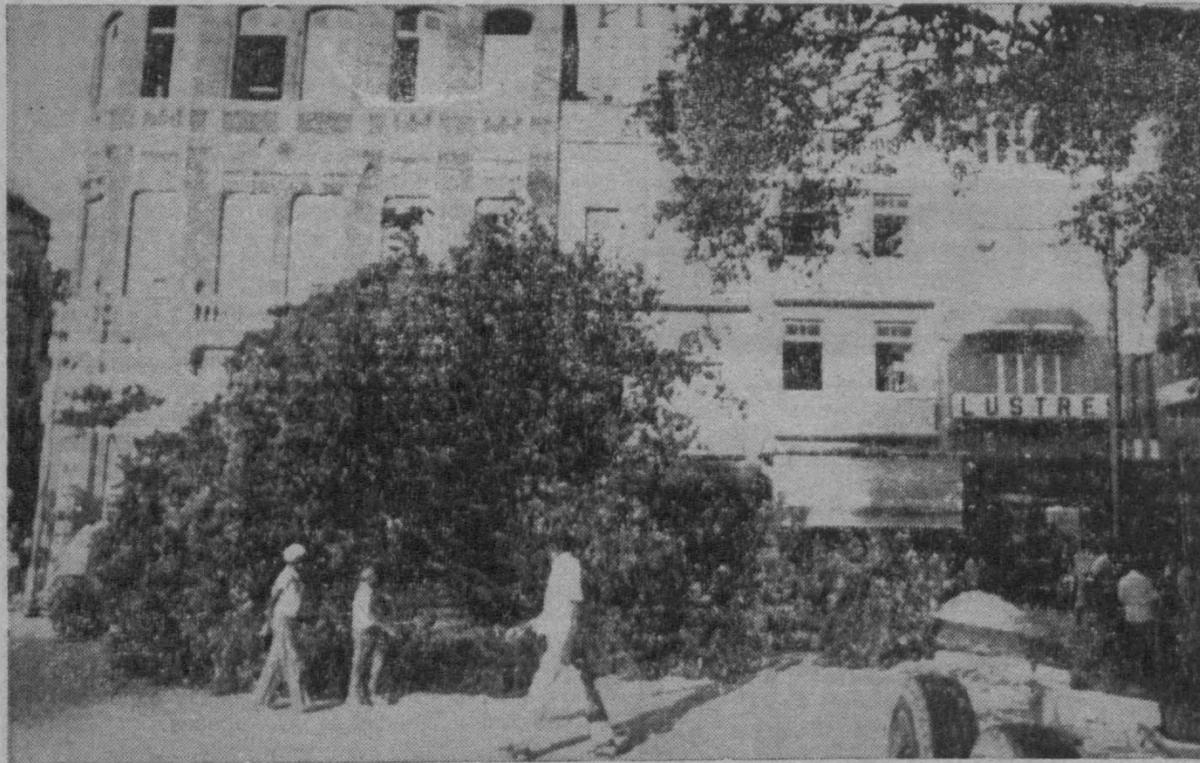
Conta o Museu de Arte Contemporânea, apesar das dificuldades materiais já referidas, com uma equipe de alto nível, para o trabalho de organização e atendimento, principalmente voltada ao aspecto cultural, de vez que é frequente o comparecimento de estudantes e pesquisadores interessados em conhecer as atividades ali realizadas.

Recife pode ser incluída entre as cidades bem arborizadas do Brasil, conforme parecer de ecólogos e naturalistas. Isto dentro de uma visão panorâmica. Porque há áreas carentes, como o centro e as áreas em volta dos conjuntos habitacionais e próximas aos complexos rodoviários. Além disso, há os homens da Celpe, Telpe e CTU, que, ao invés de podarem corretamente, ao contrário, mutilam árvores e mais árvores, cometendo verdadeiros assassinios contra a Natureza, contrariando inclusive o aspecto estético.

A observação é do Professor Geraldo Mariz, titular de Botânica, da Universidade Federal de Pernambuco, estudioso que é da ciência natural e ferrenho defensor — como não poderia deixar de ser — da Natureza. Ele formula denúncias, publicamente, contra a ação dos técnicos incumbidos do trabalho de poda de árvores, em nome da Celpe, Telpe e CTU, porque tem constatado que, ao contrário do que deveriam fazer, mutilam as árvores a ponto de muitas delas irem abaixo.



## Podador assassina árvores em nome da Celpe, Telpe e CTU, e desfalca paisagem



### ESTÉTICA E SERVIÇO

Chama a atenção o Professor Geraldo Mariz, para o fato de que a poda de uma árvore deve levar em conta não só o objetivo do serviço a que se presta, mas também a parte estética. Assim é que devem andar juntos esses dois aspectos, sob pena de haver crimes contra a Natureza, como vem ocorrendo frequentemente em várias áreas da Capital pernambucana.

E o Professor lamenta que haja normas pelas quais a Prefeitura do Recife pode multar qualquer pessoa que venha a derrubar uma árvore. No entanto, seus operários deveriam ser melhor orientados, assim como os da Celpe e Telpe, de modo a não cometerem os desatinos

que vêm cometendo quando recebem a tarefa de podar árvores por exigências de obras específicas de cada uma dessas empresas.

Textualmente, salienta O Professor Geraldo Mariz:

A arborização de uma cidade tropical como o Recife alcança vários objetivos.

Merece destaque a melhoria das condições ambientais, dando à cidade um clima mais ameno, com ar mais arejado, diminuindo a poluição aérea.

Além disso, há também que realçar o valor estético. As árvores não agradam aos homens somente pela sua utilidade prática. Há algo que transcende o utilitaris-

mo. Há certo amor, um certo namoro instintivo e intuitivo entre homens e árvores. O verde das folhas, o colorido das flores como que relaxam as tensões humanas, causando um prazer especial que chamaremos de estético. "O amor ao Belo".

Não resta dúvida de que a arborização é um Serviço. Porém não parece ser este o pensamento daqueles que realizam os chamados serviços públicos.

A Celpe, CTU e a Telpe prestam serviços públicos. Mas será que podem se dar ao direito de eliminar outros serviços que não lhes pareçam útil?

É a impressão que se tem, vendo o modo como os funcionários des-

tas Empresas tratam as árvores desta bela e ensolarada Recife.

Ao podarem os galhos das árvores que ameaçam seus preciosos serviços, o fazem de maneira tão desastrada que mais parecem querer destruir as árvores que ajudá-las. Porque podar uma árvore não a estraga. Mas deformá-las da maneira como fazem é, simplesmente, inconcebível. Realizam verdadeiras obras de arte monstruosas. São autênticos fazedores de monstros vegetais.

Acresce que ao podarem as árvores, sempre do mesmo lado, levam-nas fatalmente a cair. Ou será que é isso mesmo que querem estas Empresas?

Por que diabos não podam corretamente?

## Pós-Graduação, programa que se expande na UFPE

O crescente interesse do estudioso brasileiro em se aperfeiçoar sem que precise sair do País, tem exigido um esforço grande das universidades para a implantação de mestrados e cursos de pós-graduação: Inclusive, o próprio grau de respeito e importância que se confere a uma universidade é medido de acordo com o número e a influência que esses cursos podem exercer na comunidade intelectual.

Na Universidade Federal de Pernambuco funcionam 28 cursos de mestrados, com o objetivo de "desenvolver e aprofundar a formação dos graduados nas diversas áreas do saber, proporcionando-lhes o adequado treinamento, ao mesmo tempo em que lhes confere o respectivo grau acadêmico", segundo anuncia prospecto da Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação, cujo titular é o professor Ruy João Marques.

Além disso, o Curso de Mestrado em Educação aprovado pela Câmara de Pós-Graduação aguarda aprovação do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão para começar a funcionar. Este curso conta com substancial ajuda da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste — SUDENE —, expressa em Bolsas de Estudos, concedidas a representantes dos secretários de Educação de vários Estados nordestinos.

Este Curso, em organização, terá como coordenador o professor Carlos Frederico do Rego Maciel, professor da UFPE e membro do Conselho Estadual de Educação. Funcionará no Centro de Educação e sua área de concentração será o Planejamento Educacional. O período de inscrição será julho.

TRÊS ÁREAS — De acordo com informações da Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação, a Universidade Federal de Pernambuco oferece cursos de Mestrado em áreas de conhecimento, ou sejam: a) Ciências Humanas, Letras e Artes; b) Tecnologia, Ciências Exatas e da Natureza; e c) Ciências Biológicas e Ciências da Saúde.

Um dos Mestrados, por exemplo, mais recentes e que já tem excelente repercussão nos meios universitários do País é o de Letras, coordenado pelo professor e poeta César Leal, autor de "O Triunfo das Águas", além de ensaios sobre escritores representativos. Iniciando as suas inscrições em outubro de cada ano, o Mestrado de Letras concentra-se principalmente, nas áreas de Linguística e Teoria da Literatura. Alguns dos seus mais eminentes professores são contratados em outros centros de ensino.

Outro mestrado de grande repercussão é o de Economia (credenciado pela CFE) e cujo coordenador é o professor Yony Sá Barreto Sampaio. Funcionando no Centro de Ciências Aplicadas, no Departamento de Economia, este Mestrado abre as suas inscrições no mês de dezembro. Suas áreas de concentração: Economia Brasileira, Teoria Econômica, Desenvolvimento Econômico e Método Quantitativo.

O professor Manoel Correia de Andrade é o coordenador do Mestrado de Geografia, que funciona no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da UFPE, no 4.º andar. Suas áreas de concentração: Geografia Agrária e Geografia Econômica. Andrade é um dos mais eminentes mestres de Geografia em todo o País, tendo os seus livros didáticos adotados em colégios e cursos. Além disso, os seus ensaios geográficos são publicados nas mais importantes revistas do País e do Exterior.

Outro curso de Mestrado de enorme importância para a região é o de Medicina Tropical, coordenado pelo professor Geraldo José Marques Pereira. Doenças Infecciosas e Parasitárias e Dermatologia Tropical são as suas áreas de concentração. Funciona no Centro de Ciências da Saúde, no Departamento de Medicina Tropical, e suas inscrições ocorrem no mês de dezembro.

Direito Tributário, Direito Processual, Direito Penal e Direito Civil são as áreas de concentração do Mestrado de Direito, que tem como coordenador o professor Lourival Vilanova, um dos mais notáveis mestres da Universidade Federal de Pernambuco. Este mestrado funciona no prédio da Faculdade de Direito, na Praça Adolfo Clirne, S/N e seu período de inscrição é o mês de janeiro.

## Palmas para Lilian

Mais uma vez, o Oscar. E algumas surpresas. Quem apostou na vitória de Rede de Intrigas, perdeu. Quem ganhou foi Rocky, Um Lutador, de John Avildsen. Quem acreditava que o melhor filme estrangeiro procederia de algum país de cinematografia importante, também foi infeliz. Quem ganhou foi a incrível Costa do Marfim. Melhor ator, Peter Finch, pelo seu desempenho em Rede de Intrigas, e melhor atriz, Faye Dunaway, do mesmo filme. Finch, que faleceu logo após as filmagens do filme de Lumet, foi representado por sua esposa.



Cena do filme "Rocky, Um Lutador"

Rede de Intrigas era o favorito por ser tido como um filme muito mais sério do que qualquer outro concorrente, mas a Academia, impenitente como sempre, resolveu premiar Rocky, que, segundo o crítico Sérgio Augusto, que o viu em Nova York, não passa de um trabalho de ínfima qualidade, puro escapismo. Mas a maior surpresa mesmo foi a premiação do filme da exótica Costa do Marfim. No mínimo, uma lembrança do Terceiro Mundo.

A cerimônia da entrega do Oscar foi, antes de mais nada, uma noite de plenitude para o liberalismo. Jane Fonda e Warren Beatty estavam presentes. E foi a filha do velho Henry Fonda, uma incansável ativista política, quem anunciou aquela que seria a maior atração da noite: Lilian Hellmann.

Lilian Hellmann é uma teatróloga cuja obra os brasileiros não tiveram, ainda, a oportunidade de conhecer. Sabem, porém, alguma coisa a respeito do comportamento digno que Hellmann assumiu no tempo em que o senador McCarthy, fare-

jando comunistas em todos os setores da vida americana, voltou suas atenções para o pessoal de Hollywood. Emocionada, mais linda do que nunca, Jane Fonda solicitou a presença de Lilian Hellmann. Alta, pele alva e cabelos brancos, Hellmann foi aplaudida de pé pelo auditório lotado. Uma justa homenagem sem dúvida. Só que o tradutor brasileiro não entendeu nada da mensagem dessa veneranda, admirável anciã. Lamentável sob todos os pontos de vista.

### Pânico na Multidão

Mais um produto da paranóia que, hoje mais do que nunca, floresce em Hollywood. Nem melhor nem pior do que Terremoto, Inferno na Torre, Tubarão e similares. Trata-se, porém, de uma moda, e, como toda e qualquer moda, deve passar. Mas eu já ouvi o seguinte comentário: esses filmes traduzem uma ameaça maior a pairar sobre as cabeças dos americanos que é a ameaça do estrangulamento moral. Trocando em miúdos: há uma crescente tendência entre os americanos pós-

-Watergate e pós-Vietnam, rumo à compreensão de que, nos últimos tempos, eles só fizeram errar em matéria de moral. Como nem sempre querem reconhecer publicamente, fazem filmes em que a inviabilidade física das pessoas corre sério perigo. Metáforas, portanto.

### Bons prenúncios

Parece que o público cinematográfico brasileiro terá, ainda este ano, a oportunidade de ver um alentado número de bons filmes nacionais. Nelson Pereira dos Santos, um dos nossos mais expressivos cineastas está acabando Tenda dos Milagres, baseado em Jorge Amado. Iracema, muito aplaudido num festival na Alemanha, mas que por motivos burocráticos ainda não foi exibido no Brasil, também será visto em 77. Há um documentário de Glauber Rocha, sobre Di Cavalcanti que está sendo aguardado com ansiedade. Aleluia, Gretchen, do paranaense Sílvio Bach, já está sendo exibido no sudeste, e promete ser uma sensação neste fim de década.



## Educando musicalmente

Pode não ter agradado a gregos e troianos, é verdade — pois, afinal, nem todos estão preparados para tão flamejante mensagem. Mas o certo é que os "Concertos Internacionais", que a Rede Globo vem apresentando, uma vez por mês, às sextas-feiras, resulta num empreendimento artístico-cultural de primeiríssima ordem. Por outro lado, nenhum povo pode relegar a segundo plano manifestações dessa natureza. Principalmente um povo

que, agora mais do que nunca, tenta se libertar das cadeias que o prendem não apenas ao subdesenvolvimento econômico, mas, sobretudo, cultural.

### Queda de audiência

O primeiro concerto da série foi para homenagear a memória de Ludwig von Beethoven — o mestre alemão que, morto há 150 anos, está sendo interpretado em todas as salas de música do mundo. O taípe

mostrava a Orquestra Filarmônica de Berlim, a regência do mitológico maestro Herbert von Karajan, e fazia com que milhares de telespectadores ouvissem, muitos pela primeira vez, a maravilhosa Sinfonia Coral. Mesmo assim, os chefões da emissora constataram, constrangidos, uma queda enorme no índice de audiência. Mas a Globo não desistiu. Tanto que, no mês seguinte (abril), focalizava a Filarmônica de Nova York, regida pelo excên-

trico Leonard Bernstein, interpretando a Quarta Sinfonia do russo Tchaikowsky. E, o que parece incrível, ambas as obras foram apresentadas sem intervalo comercial.

O bom é que a emissora está plenamente consciente de que, mesmo perdendo alguns milhares de cruzeiros, contribui favoravelmente com uma possível estratégia educacional. Pois, de tanto insistir, é possível que a emissora acabe por convencer, a

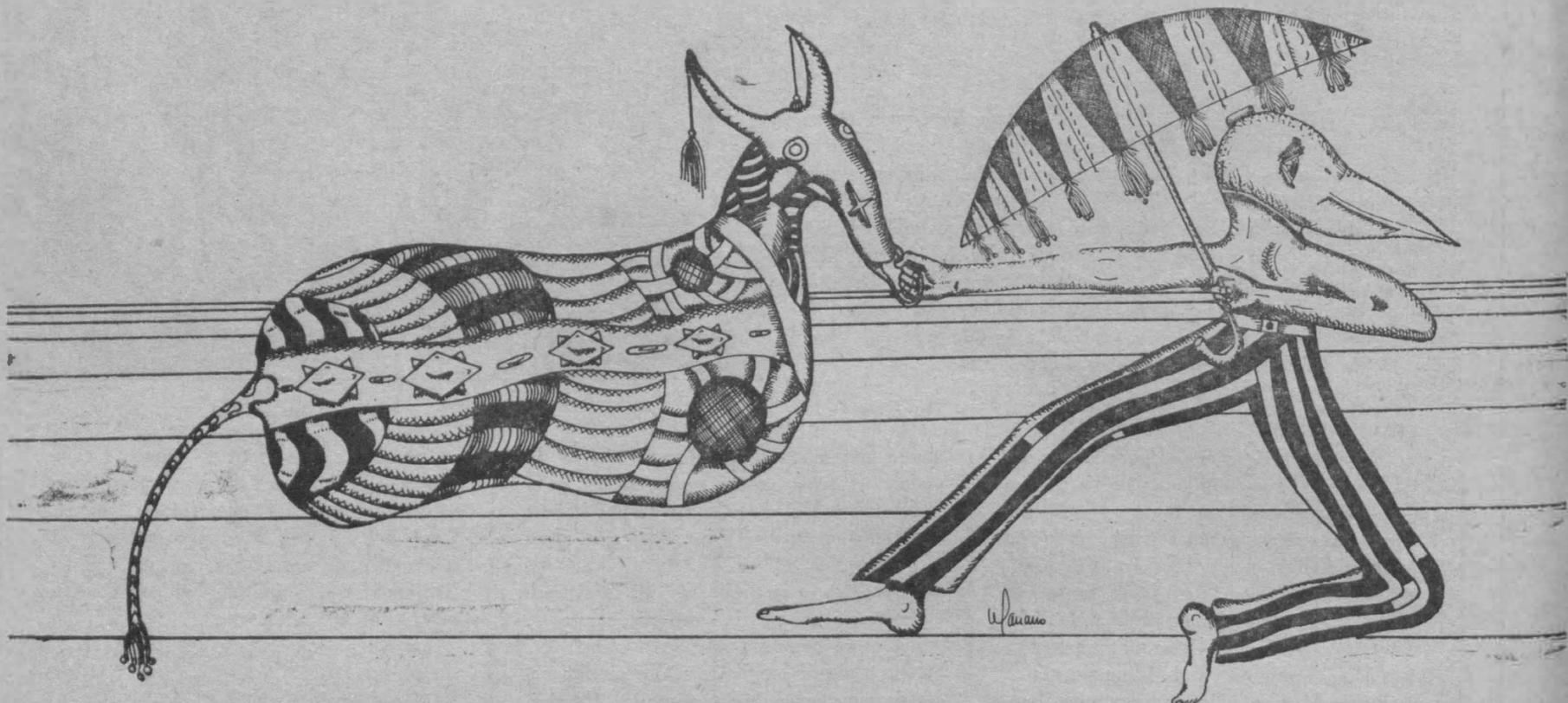
gregos e troianos, da necessidade de se levar ao ar programas de bom índice cultural. Na realidade, um telespectador acostumado a uma programação medíocre sente, inevitavelmente, um impacto violento quando solicitado a aderir aos bens culturais. É natural. O que não é natural, porém, é a insistência em veicular mensagens cujo conteúdo é tão pobre quanto o espírito dos telespectadores formados por elas.

# Folclore

Angela Delouche

## FUNARTE patrocina atlas folclórico

Folclore, força viva da nação, tem em Pernambuco manifestações peculiares e um vasto campo ainda inexplorado. Voltemos nossas vistas para o que é nosso, estudemos o nosso folclore.



“Com o patrocínio da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro iniciará no corrente ano as pesquisas para a elaboração do Atlas Folclórico do Brasil. Nesse sentido, o Diretor-Executivo já entrou em entendimentos com as Universidades de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe, para celebração de convênios.

O Atlas Folclórico abrangerá numa primeira etapa: danças, folguedos e artesanatos. Além das universidades, participarão do projeto secretarias de educação e cultura e de turismo e comissões estaduais de folclore”.

O trecho que acima transcrevemos, na íntegra, foi publicado em MEC em Revista, n.º 10 do corrente ano. Realmente a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro tomou uma grande decisão e dá início a um levantamento que se fazia necessário. Nosso espanto é a ausência da Universidade Federal de Pernambuco nessa primeira etapa da elaboração desse atlas. Logo nós, donos de riquíssimas características e que temos, como diz a canção:

Pernambuco tem uma dança  
que nenhuma terra tem  
quando a gente cai na dança  
não se lembra de ninguém.  
É uma dança que vai e que vem  
que mexe com a gente  
é frevo meu bem.

O frevo de cidadania recifense, uma dança criada pela inventiva popular, um micróbio engravado no sangue do pernambucano, sem distinção de cor ou condição social, fica por

fóra, “seu” Moço? E a dança da ciranda, nascida nos canaviais pernambucanos e hoje deramando-se pela orla litorânea, dança de roda, com seu bamboleio e sua graça ingênua, onde moços, velhos e crianças se dão as mãos e o tirador canta:

“Esta ciranda quem me deu foi Lia  
que mora na ilha de Itamaracá”

Saliente-se que esse tipo de dança nada tem a ver — excluído o nome — com a “Ciranda cirandinha” dança de crianças, de origem portuguesa.

A dança do côco, que se acredita tenha nascido nas praias mas que aparece também no agreste, com o tirador iniciando a toada:

“Capim de planta  
Xique-xique, mela-mela  
Feche a porta cá tramela  
qué prá cobra não entrá”

Os dançadores respondem: “ou Sinhá” ao som do maracá de flandres.

Há que mencionar ainda, em danças, o pastoril que comumente classificamos de profano, prá distingui-lo do pastoril de crianças em palanque armado nos pátios, em frente às igrejas, em época natalina. O pastoril profano é dançado por mulheres feitas e tem um palhaço, conhecido por “velho” que com seus deboches anima a assistência, de pé, em frente ao tablado onde as pastoras, toda vida em mini-saia, saracoteiam seus quadris no bamboleio das toadas, que guardam reminiscência do pastoril religioso no começo e no fim do folguedo.

Entre os folguedos populares citemos o

Bumba-meu-Boi, muitíssimo diferente do do Maranhão e de outros lugares, que teve em Hermilo Borba Filho o seu criterioso (e apaixonado) estudioso, em sua expressão “o mais puro dos espetáculos nordestinos”.

O mamulengo que Ariano Suassuna imortalizou numa de suas peças, com suas estórias típicas de situações bem nossas.

Em artesanato não nos esqueçamos da cestaria popular e entre estas as delicadíssimas e artísticas cestarias das populações indígenas de Águas Belas, Vila de Cimbres, Tacaratu, no interior de Pernambuco. A cestaria utilitária, como o balaio, carregado nas cabeças, com absoluto equilíbrio, os caçuás, às costas dos jumentos, os samburás levados nas jangadas para o transporte dos peixes e lagostas.

Quanto a pureza de nossa cerâmica nem é bom falar que um mal orientado turismo vem deturpando, pois incentiva a manufatura em série. As rendeiras com suas almofadas e bilros estão rareando, mas aqui não se trata de salvá-las, mas de registrar os centros rendeiros que não são tão somente as praias, como muitos julgam.

Os cantos de pedintes, notadamente de cegos, os cantos fúnebres, como as “incelenças”, que Luís Marinho imortalizou numa de suas peças. O romanceiro, a poesia popular, a cantoria de desafio além dos romances em versos compostos, impressos e vendidos, lidos alto para numeroso público, nas feiras do interior? Tudo isso, “seu” Moço, e muita coisa mais, tudo isso vai ficar por fora?

## CONCURSO SILVIO ROMERO - 1977

O Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, no uso de suas atribuições, baixou o seguinte Regulamento para a Concessão do Prêmio Silvío Romero, instituído pela Portaria n.º 215, de 23 de junho de 1959, do Ministério da Educação e Cultura:

1) As monografias concorrentes podem versar sobre quaisquer temas do folclore brasileiro, tratados, quando for o caso, à base de versões locais e da linguagem usada pelo grupo estudado;

2) Só serão considerados trabalhos de caráter monográficos, inéditos e originais de pesquisa, não divulgados por qualquer meio;

3) Os trabalhos devem ter um mínimo de 50 (cinquenta) folhas tipo ofício, datilografadas a dois espaços, e vir assinados com pseudônimo. Em envelope separado e opaco, sobrescrito apenas com o pseudônimo do concorrente e o título do trabalho,

o autor ou autores se identificarão com os nomes verdadeiros e endereços;

4) Exigem-se 3 (três) vias e, em caso de fotografias, mapas, desenhos, croquis, etc., desde que não façam parte integrante do texto, bastará 1 (uma) via de cada;

5) Os originais devem ser entregues à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rua do Catete, 179 — Rio de Janeiro/RJ., até o dia 30 de junho de 1977;

6) Não poderão participar do Concurso os membros do Conselho Nacional do Folclore, nem os pesquisadores contratados com trabalhos que coincidam com as pesquisas que realizaram para a Campanha;

7) A Campanha designará Comissão Julgadora de 3 (três) membros, um deles do Conselho Nacional de Folclore, convidados pelo Diretor-Executivo; a qualidade de membro da Comissão Julgadora é incompatível com a de concorrente;

8) A Comissão Julgadora terá inteira liberdade para emitir seu Parecer, podendo: a) indicar a monografia merecedora do

Prêmio e até duas a que serão conferidas Menções Honrosas; ou b) opinar pela não concessão do Prêmio;

9) A monografia classificada em primeiro lugar será conferida o Prêmio único e indivisível de Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros), patrocinado pela Fundação Nacional de Arte-FUNARTE;

10) A monografia premiada e as que receberem Menção Honrosa serão publicadas pela Campanha;

11) O autor contemplado com o Prêmio Silvío Romero só poderá concorrer novamente ao Prêmio após um intervalo de 3 (três) anos;

12) Só serão divulgados os nomes dos contemplados com o Prêmio ou com as Menções Honrosas; os originais dos demais trabalhos concorrentes ficarão à disposição dos autores;

13) O Prêmio Silvío Romero e os certificados de Menção Honrosa serão entregues a 22 de agosto de 1977, “Dia do Folclore”, 19.º aniversário da instalação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

### VALDEMAR DE OLIVEIRA

Há um vazio na intelectualidade pernambucana, mais precisamente brasileira, com a morte de Valdemar de Oliveira, humanista — no bom sentido — incentivador e mantenedor do teatro no Recife com seu grupo de Amadores, de alto gabarito, diga-se de passagem.

Esta página, dedicada ao nosso folclore, registra, pesadamente, o desaparecimento do grande estudioso do frevo de cidadania recifense, como salientou o defensor de outras manifestações folclóricas de nosso Estado, amando-as e sofrendo por elas.

Seus estudos, sobre folclore, esgotados e raros, deveriam ser reeditados. Fica, aqui, a sugestão.

# FPF mantém festival de besteira e ganha adeptos

ESPORTE

Continua o festival de besteiras da Federação Pernambucana de Futebol. E aqui e ali corroborado por dirigentes de clubes. É de não se acreditar, por exemplo, o que ocorreu com Ibis, Santo Amaro e Ferroviário. Estes clubes, ou times de futebol, como queiram, foram desclassificados da Taça Cidade do Recife, e conforme o regulamento dessa promoção, eles, os desclassificados, ficariam automaticamente aliados do Campeonato Estadual, primeira divisão.

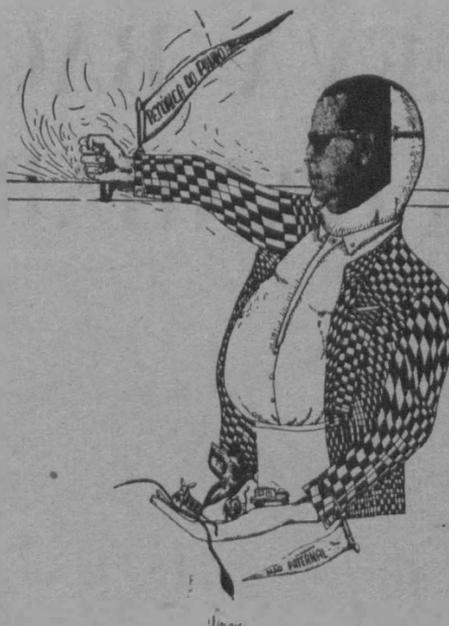
Grita de todos os lados, alegações jurídicas, invocado Estatuto da FPF inclusive, tudo isso para que Ibis, Santo Amaro e Ferroviário não ficassem fora do Campeonato. Na hora da onça beber água, eis que, mais um espetáculo descortina-se dentro desse grande e interminável festival: Ibis, Santo Amaro e Ferroviário estavam firmes participando, opinando e, por mais paradoxal que pareça, votando na aprovação da Tabela do Campeonato Estadual do qual já estavam afastados.

Entenda-se um barulho, desse. Onde está a coerência, ao menos, o respeito aos torcedores? Ora, uma vez afastados do Campeonato, qual a razão de Ibis, Santo Amaro e Ferroviário estarem presentes com direito a voz e voto na reunião de aprovação da Tabela do certame estadual? Coisas que somente ocorrem no âmbito da Federação Pernambucana de Futebol. E aqui, diga-se de passagem, com a contribuição dos representantes dos demais clubes, de vez que eles poderiam perfeitamente não aceitar tal presença e os consequentes votos.

Mas febeapá não fica aí. Dias depois dessa reunião, vem a Assembléia Geral de Clubes para homologação dos nomes que integrariam o quadro de árbitros da FPF, para o presente Campeonato. Foi um Deus nos acuda. Chiadeira daqui, chiadeira dali. Em meio às mil e uma asneiras, uma voz ecoa mais forte, sufocando as demais, como sempre, aliás. Não poderia ser outro: o todo poderoso Rubem Moreira. É a palavra "abalizada", "inteligente", "sábia".

"Hélio Ferreira fica de fora, não tem condições de figurar ao lado de Manuel Amaro, Gilson Cordeiro e Sebastião Rufino". Disse e falou. Quem ousaria discordar do comodoro? Apenas o sr. José Roberto Massa, a voz do Sporte Clube do Recife, botou as unhas de fora e perguntou a Rubem Moreira: "Você assume essa queimação?"

Outra incoerência: o sr. Armindo Tavares, professor da Escola de Árbitros da FPF, não figura entre os juizes de primeira água. Tem que se conformar com a condição de arbitrar jogos menos importantes reunindo times que não têm condições de conquistar o certame estadual. Como pode? Coisas da Federação Pernambucana de Futebol. E os "sábios" que participaram da Assembléia Geral aprovaram dois quadros: juizes especiais e juizes do quadro A. Elementos de comprovada capacidade técnica, como é o caso de Hélio Ferreira e Armindo Tavares, foram excluídos do rol dos especiais.



## Campeão de basquete quer elevar nível dos desportos

Luiz Fernandes Lima, aluno do 6.º período de Ciências Biomédicas, na Universidade Federal de Pernambuco, campeãoíssimo (enea) de basquetebol pela Seleção Pernambucana, tem o remédio para elevar o nível dos Jogos Universitários: incrementar torneios internos, nas diversas modalidades de desportos, durante todo o ano, reunindo os estudantes das Universidades e demais unidades de ensino superior isoladas.

Com a realização desses torneios, haveria preparação e revelação de valores que certamente despontariam durante os Jogos Universitários, elevando inclusive o nível das competições. Sem dúvida, uma sugestão valiosa, do jovem atleta. Que os interessados nos desportos atinem para a idéia e ofereçam contribuição para que ela se torne uma prática permanente entre os milhares de estudantes.

### SELEÇÕES

Entende Luiz Fernandes Lima, que se forem incrementados esses torneios internos, as instituições de ensino poderão contar, em futuro próximo, com valores aptos para a formação de seleções universitárias, nas diversas modalidades de desportos. Acabar-se-ia, inclusive, com a timidez, muito frequente entre os universitários, no seu modo de ver, quanto à prática dos desportos.

Sugere, vislumbrando a parte prática, que os estabelecimentos que não dispõem de espaço físico, sem quadras e campos de futebol, como é o caso da Universidade Católica e de tantas outras, deveriam apelar aos clubes, através de convênios, a fim de utilizarem as instalações esportivas, na preparação e disputas dos citados torneios. A Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, dispõe de um Núcleo de Educação Física, com amplas instalações, e certamente não poria obstáculo no sentido de servir a suas congêneres, nos espaços de tempo disponíveis, evidentemente.

Nessa difícil tarefa de congregar, bem que poderiam os Diretórios Acadêmicos procurar maior aproximação entre si, inclusive com as Associações Atléticas (estas só aparecem na época dos Jogos Universitários), de modo a reunir, somar, dentro da perspectiva de incrementar os desportos no âmbito da Universidade. Haveria inclusive o aspecto de entrosamento entre os estudantes das diversas Faculdades, um verdadeiro conagração universitário. E os desportos também servem para isso.

Não ficam à margem os dirigentes. Estes, dentro das disponibilidades, devem apoiar a iniciativa dos jovens estudantes que venham a se movimentar, dentro dessa perspectiva, vislumbrada em boa hora pelo nosso campeãoíssimo Luiz Fernandes Lima.

## Direito inclui corrida no programa dos seus 150 anos

Do programa comemorativo ao 11 de agosto — mais um aniversário da criação dos primeiros cursos jurídicos do Brasil — consta a parte esportiva, compreendendo uma disputa de pedestrianismo com a participação de atletas profissionais, clubes, associações universitárias, inclusive dois corredores da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e um da Alemanha Ocidental.

A corrida terá 40 quilômetros de percurso, partindo do Mosteiro de São Bento, em Olinda, até os Montes Guararapes, em Prazeres. Os atletas conduzirão o facho, característico dessa

modalidade de competição.

### ATRAÇÃO

Uma das atrações da promoção será a participação dos atletas da CBD e do alemão, especialmente medalhas para os primeiros colocados.

A parte esportiva contribuirá para maior brilhantismo da programação de aniversário da criação dos primeiros cursos jurídicos do Brasil, este ano comemorando o seu sesquicentenário, evento do grande significado para a cultura brasileira, especialmente para a ciência do Direito.

### CONGRESSO

Enquanto isso, também como parte das comemorações do sesquicentenário da Faculdade de Direito, haverá o primeiro congresso Brasileiro de Direito Esportivo, no Recife, em outubro vindouro, do qual participarão estudiosos e autoridades no assunto, inclusive, como convidados especiais, virão os professores Evaristo de Moraes Filho, Anibal Pelon e Valed Perry.

A Faculdade de Direito da UFPE foi a primeira unidade de ensino superior do País a implantar a disciplina Direito Esportivo no seu currículo. A matéria vem despertando grande interesse entre os estudantes.

## Médicos examinam corações grandes



Munique (Flagrantes da Indústria Alemã — did) — Um novo aparelho está sendo utilizado em investigações científicas no domínio da medicina de esporte nos Jogos Olímpicos de Inverno em Innsbruck. O chefe do time de médicos da Aldeia Olímpica, o Docente Dr. Ernst Raas (à direita), pretende chegar a conclusões mais exatas sobre o relacionamento entre o volume do coração e as capacidades físicas, examinando o maior número de esportistas de relevo internacional. De tais estudos poderiam resultar, por exemplo, recomendações para métodos de treino ainda mais eficientes. O "Volumat-compact" (à esquerda), desenvolvido pela Siemens, na República Federal da Alemanha, ajuda a automatizar as medições volumétricas. Radiografias do coração são gravadas numa fita magnética e transmitidas para um monitor de televisão. Simultaneamente um lápis eletrônico desenha os contornos da sombra do coração. O computador diretamente ligado determina exatamente o volume do coração.

## Desculpas para mais uma derrota

Mequinho (Henrique da Costa Mecking), o Grande Mestre Internacional brasileiro, adiou por mais três anos seus sonhos de chegar ao título mundial. Pela segunda vez consecutiva, o grande mestre brasileiro avançou demais suas peças no xadrez mundial. Desta vez, na série de doze partidas oficiais, ele perdeu uma e empatou as outras onze. Nada feito, portanto.

Mas Mequinho vai insistir. Pois, mais uma vez, ele afirma que o adversário não se comportou como um cavalheiro. O adversário era, novamente, um russo, Lev Abramovich Polugaievski. Antes, Victor Korchnoi também fora acusado de dificultar, deslealmente, a marcha do jovem brasileiro. Tudo indica, porém, que as derrotas do Mequinho são produtos de sua inexperiência.

"O Polugaievski tramou cuidadosamente cada uma de suas pequenas sujeiras", lamentou Mequinho de volta ao Brasil. E acrescentou: "Fazia ruídos enquanto eu pensava, derrubava peças durante meu tempo de relógio, gritava procurando fazer com que eu perdesse mais tempo do que dispunha".

Para ele, a Federação de Xadrez da União Soviética chegou a elaborar um cuidadoso plano para derrotá-lo. Afirma, in-

clusive, que um psicólogo russo captou os pontos vulneráveis da sua personalidade, para facilitar a tarefa do exadrista russo. E mais: Mequinho não teria enfrentado apenas Polugaievski, mas 49 outros Grandes Mestres, que, do longínquo Clube de Xadrez de Moscou, enviaram, por telefone e telex, análises das partidas suspensas ou até mesmo de partidas ainda nem jogadas.

"Assim, enquanto eu perdia o sono estudando as partidas, ele dormia tranquilamente", diz Mequinho. E continua: "Os russos planejaram tudo com meses de antecedência. Se o jogo fosse marcado de surpresa, eu teria ganho com facilidade". Provavelmente Mequinho, que um dia pretende ser melhor do que Bob Fischer, está dando uma desculpa demasiadamente fraca. Pois, como é sabido, o americano enfrentou os russos aparentemente tão desarmado quanto Mequinho. Mas não deixou, contudo, de esmagá-los a todos.

Mas Mequinho reconhece que cometeu seus erros. Um deles, por exemplo, foi o de não ter se preparado suficientemente para disputas de tão alta envergadura. Um outro, finalmente, teria sido a falta de maior participação em torneios internacionais. Mas o Grande Mestre brasileiro tem apenas 25 anos, o bastante para sonhar com dias muito melhores.

